

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 121/ fevereiro Nº 2.084

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febnet.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – Desigualdades sociais

Carências sociais e pobreza extrema – Juvanir Borges de Souza

Excesso e você – André Luiz

Os Passes – Manoel Philomeno de Miranda

Cobiça e inveja – José Yosan dos Santos Fonseca

O Discípulo Iludido – Richard Simonetti

Oração da Humildade – Inaldo Lacerda Lima

Menino de Rua – Fábio Henrique Ramos

Adão e o Paraíso na concepção espírita – Severino Barbosa

Presença de Chico Xavier – A campanha da paz – Irmão X
Espiritismo – Casimiro Cunha

Tratamento de enfermo no Espaço – Passos Lírio

A Paz e o Amor – Sebastião Lasneau

Esflorando o Evangelho – E olhai por vós – Emmanuel

O Homem e suas realizações – Mauro Paiva Fonseca

O Homem de Bem e a Biodiversidade – Vilma Mendonça

Referências bibliográficas

Sessão e não cessão – Iaponan Albuquerque da Silva

“Observai os lírios do campo” – Francisco Cajazeiras

Ser Juiz – Mário Frigéri

O Espiritismo em Cuba – Washington L. N. Fernandes

A visita da Luz – Paulo Nunes Batista

A FEB e o Esperanto – Pronunciamentos no 87º Congresso Universal de Esperanto – Afonso Soares

Cursos de Esperanto na FEB – Sede Seccional – Rio de Janeiro (RJ)

Excelência Espírita – Camilo

Federação Espírita do Distrito Federal – 40 anos de unificação e realizações doutrinárias

A Fome – Palmiro Ferreira da Costa

A Comunicação – Orson Peter Carrara

FEB/CFN – Comissões Regionais – Calendário das reuniões Ordinárias de 2003

Ante a Crítica – Ismael Ramos das Neves

Seara Espírita

Tema da Capa: *Carências Sociais*, baseado nas reflexões doutrinárias do Editorial e do Artigo *Carências Sociais e pobreza extrema*.

Editorial

Desigualdades sociais

No capítulo IX, da Parte Terceira, de *O Livro dos Espíritos*, que trata da Lei de Igualdade, os Orientadores Espirituais esclarecem que a desigualdade das condições sociais em que vive o ser humano não é obra de Deus, mas sim, obra dos homens.

Na questão 930, do mesmo livro, quando abordam as Penas e Gozos Terrestres, são ainda mais enfáticos: *Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome.*

No momento em que a sociedade, de forma geral, e os órgãos governamentais, em especial, com justa razão, se preocupam com a questão da fome na Humanidade, mostra-se oportuno destacar o que o Espiritismo vem revelando a respeito, desde a metade do século XIX.

A Doutrina Espírita nos ensina que o homem é um Espírito imortal, reencarnado temporariamente na Terra para a aquisição de valores que ainda não possui, e que tudo quanto existe no Universo é criação de Deus. Ensina-nos, ainda, que o fato de sermos Espíritos imortais não nos tira a responsabilidade de bem administrar as coisas terrenas. Ao contrário, por força da Lei de Amor, dá-nos o dever de bem cuidar de tudo o que é obra da Criação divina, cuidado este que visa à defesa do meio ambiente, mas, principalmente, à garantia de proporcionar a toda criatura humana o direito de viver dignamente.

Não é sem razão que a Doutrina Espírita, refletindo o Evangelho de Jesus, tem por máxima: *Fora da caridade não há salvação.* E não é sem razão, também, que as Instituições Espíritas procuram realizar permanente trabalho de atendimento ao ser humano em toda a sua dimensão, tanto no que diz respeito às suas necessidades de ordem espiritual e moral, quanto às de ordem material.

•

Carências sociais e pobreza extrema

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Entre as resoluções constantes do compromisso assinado pelos líderes religiosos e espirituais em decorrência do Encontro de Cúpula Mundial pela Paz Mundial patrocinado pela Organização das Nações Unidas, realizado de 28 de agosto a 1º de setembro de 2000 (*The Millenium World Peace Summit*), destacamos as duas seguintes:

“5. Despertar em todos os indivíduos e comunidades o senso da responsabilidade, compartilhada entre todos, pelo bem-estar da família humana como um todo, e o reconhecimento de que todos os seres humanos – independentemente de religião, raça, sexo e origem étnica – têm o direito à educação, à saúde e à oportunidade de obter uma subsistência segura e sustentável.”

“6. Promover uma distribuição de riqueza eqüitativa dentro das nações e entre as nações, erradicando a pobreza e revertendo a atual tendência ao distanciamento crescente entre ricos e pobres.”

Nesses dois itens do importante documento assinado pelos líderes religiosos e espirituais de toda a Humanidade, ficou clara não somente a preocupação com a miséria, que se traduz por pobreza extrema, material e moral, mas também com o encaminhamento das soluções possíveis, com a conscientização do grande problema.

Quando se sabe que cerca de 1,2 bilhões de criaturas humanas, ou seja, uma quinta parte da população mundial, vivem e morrem em condições deprimentes, por falta de alimentação, habitação, vestuário, saúde e educação, tem-se uma idéia do atraso do mundo em que vivemos.

Por isso, a erradicação da pobreza extrema (miséria) é um dos desafios à comunidade humana, em pleno século XXI.

Em todos os países do orbe terrestre existem os bolsões dos miseráveis, dos esquecidos, dos carentes do mínimo necessário à sustentação da vida.

Mas o problema se torna alarmante nas nações mais pobres e atrasadas do denominado “terceiro mundo”, que se localizam principalmente no continente africano, na América Latina e em alguns países asiáticos.

A solução para essa questão crucial, como para outras que afetam toda a Humanidade e particularmente a cada indivíduo, hoje, ou no futuro, implica na erradicação paulatina, mas constante, de três fatores causais:

A ignorância, o egoísmo e o orgulho humanos.

Esses fatores são as causas geratrizes dos males humanos em geral.

Como combater a ignorância sobre questões fundamentais que dizem respeito à vida, ao homem como criatura e às leis divinas que regem tudo no Universo?

Como superar o egoísmo e o orgulho generalizados nos indivíduos e nas organizações humanas?

A transformação do mundo, para melhor, depende da mudança da mentalidade de seus habitantes, mediante o encontro com a realidade da Vida.

Portanto, a solução de todos os problemas humanos depende, fundamentalmente, da *educação* dos próprios homens, seja no campo do conhecimento, ajustado às realidades, seja no campo dos sentimentos, substituindo-se o egoísmo e o orgulho dominantes pelo Amor e pela Justiça.

...

A educação individual e coletiva é a única fórmula capaz de trazer a todos os idealistas de um mundo melhor a esperança de sua concretização.

Sempre fazemos a ressalva de que a *educação*, a que nos referimos, tem senti-

do amplo, lato, tanto no terreno intelectual da instrução em todos os níveis, quanto no terreno espiritual-ético-moral.

Conhecimento das realidades, e sentimento de Amor e Justiça, desenvolvidos em todos na medida da capacidade de absorção de cada um, é programa de vastas proporções, para sucessivas gerações.

A lei das reencarnações, conjugada à programação da *educação* para as sucessivas gerações, trará ao nosso mundo um progresso muito mais rápido do que o processado na atualidade e no passado.

Imaginamos o quanto seria proveitoso para a solução dos grandes problemas que afetam a Humanidade, entre os quais o da pobreza extrema, se se unissem governos, religiões, e os órgãos de comunicação de massas – televisão, rádio, jornais, internet – todos coesos na divulgação de uma programação visando a Paz, a Concórdia, o Amor, a Justiça, a Compaixão, a Compreensão entre todos os homens.

Pensamentos como esse nos induzem ao anseio e à vontade de pro- pagar, sempre e mais, o Consolador, essa Revelação Superior que faz compreender aos homens a necessidade de se tornarem sempre melhores, pela prática do bem em todos os sentidos, amando a Deus e ao próximo.

A divulgação da Doutrina Espírita, com seus princípios morais elevados e conhecimentos novos que traz à Humanidade sobre a vida futura, torna-se imprescindível para que possa influenciar na educação e reeducação das gerações que se sucedem.

As transformações sociais para melhor serão feitas a partir de idéias e ideais justos e equânimes, hoje apenas vislumbrados pelas massas humanas.

O Espiritismo, pela sua índole, pelas idéias trazidas pela Espiritualidade Superior, oferece ao homem o conhecimento de si mesmo, de sua natureza, sua origem e seu destino. De outro lado, pela moral do Cristo, que adota integralmente, na interpretação racional e superior dos Espíritos Reveladores, constitui-se em base segura para a reeducação individual, com as transformações sociais dela decorrentes.

Os trabalhadores da primeira hora, da implantação do Consolador desde a segunda metade do século XIX e dos séculos seguintes, estão nas preliminares da obra grandiosa de transformação, abrindo picadas na densa floresta do atraso e da ignorância humanos, para que outros obreiros futuros possam lançar os fundamentos de uma nova civilização mais justa, no decorrer do milênio que se inicia.

Não devemos desanimar diante das dificuldades a serem enfrentadas na gigantesca obra de transformação.

Na direção suprema da regeneração do mundo encontra-se seu Guia e Governador Espiritual – o Cristo de Deus –, que superará todas as dificuldades das diversas etapas, contando com os trabalhadores atuais e futuros, multiplicados na medida das necessidades.

A importância do conhecimento espírita, direcionando opções e decisões, tem particular influência na aceitação das realidades presentes nas sociedades humanas, sem prejuízo da aspiração a melhores condições de vida na Terra, que devem ser conquistadas pelos próprios homens.

Sem as luzes da doutrina das vidas sucessivas, das leis de Justiça e de Amor, conjugadas à lei de causa e efeito, ao determinismo da evolução e a todas as leis morais enunciadas pela Terceira Revelação, fica difícil à Humanidade compreender o *porquê* das coisas e o sentido da vida dos seres e de toda a criação de Deus.

O materialismo e a ignorância do que se refere ao Espírito e aos Mundos Espirituais são a tônica do mundo em que vivemos.

Com o Consolador, é chegada a hora do combate ao materialismo pernicioso, às suas conseqüências, à ignorância do verdadeiro sentido da vida e às inferioridades morais decorrentes do egoísmo e do orgulho.

Com o progresso já alcançado até agora, desapareceu o direito dos poderosos so-

bre a vida dos fracos e vencidos nas guerras; terminou a escravidão humana, degradante e injusta; uma justiça brutal, egoísta, opressiva e insensível foi substituída pelas tentativas de uma justiça social eqüitativa, com melhor compreensão entre indivíduos e nações.

Torna-se necessário ir adiante, libertar-se a Humanidade dos erros decorrentes da ignorância e do atraso moral.

Alinhamos, a seguir, algumas disposições, princípios e norteamientos que a Doutrina Espírita oferece para a construção de uma sociedade mais justa, sem os desequilíbrios sociais que levam à miséria, à fome, à doença, à revolta, com todas as conseqüências conhecidas:

I – *É lei da natureza a desigualdade das condições sociais? “Não; é obra do homem e não de Deus.”*(L.E. – q. 806.)

II – “Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome.” (L.E. – q. 930.)

III – “Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça.” (L.E. – q. 812.)

IV – “(...) a sociedade é muitas vezes a principal culpada de seme-lhante coisa. (...) não tem ela que velar pela educação moral dos seus membros? Quase sempre, é a má educação que lhes falseia o critério, ao invés de sufocar-lhes as tendências perniciosas.” (L.E. – q. 813.)

V – *“Que se há de pensar dos que açambarcam os bens da Terra para se proporcionarem o supérfluo, com prejuízo daqueles a quem falta o necessário? “Olvidam a lei de Deus e terão que responder pelas privações que houverem causado aos outros.”* (L.E. – q. 717.)

VI – “(...) A Natureza não pode ser responsável pelos defeitos da organização social, nem pelas conseqüências da ambição e do amor- -próprio. (...)”. (Comentário de Kardec à resposta à questão 707 de L.E.).

•

Excesso e você

Cap. XIII – Item 10

Amigo, Espiritismo é caridade em movimento.
Não converta o próprio lar em museu.

Utensílio inútil em casa será utilidade na casa alheia.

O desapego começa das pequeninas coisas, e o objeto conservado, sem aplicação no recesso da moradia, explora os sentimentos do morador.

A verdadeira morte começa na estagnação.

Quem faz circular os empréstimos de Deus, renova o próprio caminho.

Transfigure os apetrechos, que lhe sejam inúteis, em forças vivas do bem.

Retire da despensa os gêneros alimentícios, que descansam esquecidos, para a distribuição fraterna aos companheiros de estômago atormentado.

Reviste o guarda-roupa, libertando os cabides das vestes que você não usa, conduzindo-as aos viajores desnudos da estrada.

Estenda os pares de sapatos, que lhe sobram, aos pés descalços que transitam em derredor.

Elimine do mobiliário as peças excedentes, aumentando a alegria das habitações menos felizes.

Revolve os guardados em gavetas ou porões, dando aplicação aos objetos parados de seu uso pessoal.

Transforme em patrimônio alheio os livros empoeirados que você não consulta, endereçando-os ao leitor sem recursos.

Examine a bolsa, dando um pouco mais que os simples compromissos da fraternidade, mostrando gratidão pelos acréscimos da Divina Misericórdia que você recebe.

Ofereça ao irmão comum alguma relíquia ou lembrança afetiva de parentes e amigos, ora na Pátria Espiritual, enviando aos que partiram maior contentamento com tal gesto.

Renovemos a vida constantemente, cada ano, cada mês, cada dia...

Previna-se hoje contra o remorso amanhã.

O excesso de nossa vida cria a necessidade do semelhante.

Ajude a casa de assistência coletiva.

Divulgue o livro nobre.

Medique os enfermos.

Aplaque a fome alheia.

Enxugue lágrimas.

Socorra feridas.

Quando buscamos a intimidade do Senhor, os valores mumificados em nossas mãos ressurgem nas mãos dos outros, em exaltação de amor e luz para todas as criaturas de Deus.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *O Espírito da Verdade*. Autores Diversos, 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 2, p. 17-18. •

Os Passes

Apesar de conhecidos desde as civilizações da Antiguidade oriental e utilizados pela cultura clássica ocidental o poder do pensamento e a ação do toque terapêutico, foi Jesus, no entanto, quem melhor os aplicou a benefício da criatura humana.

Antes dEle, utilizando-se de processos complexos e sugestivos, os sacerdotes e os *gurus* de diversas doutrinas esotéricas contribuía para a recuperação da saúde dos enfermos que os buscavam, mediante gestual bem elaborado e *mantrãs* que ensinavam a captação das energias que exteriorizavam, facultando-lhes reestruturarem a organização física e harmonizarem a emocional, avançando para o equilíbrio fisiopsicológico.

As cerimônias religiosas com objetivos terapêuticos misturavam a fitoterapia com as *artes mágicas*, enquanto os iniciados dispensavam as energias salutares que eram assimiladas pelos necessitados que se lhes entregavam.

A introspecção, a meditação, os cilícios e sacrifícios outros que eram impostos aos candidatos, tinham por finalidade facilitar o autodescobrimento, propiciando-lhes o conhecimento dos recursos psíquicos e magnéticos que lhes jaziam adormecidos e aos quais podiam recorrer para modificar as paisagens humanas infelizes e os corações sofridos.

Jesus, porém, conhecendo o processo pelo qual se manifestavam as Suas energias superiores, demitizou as velhas fórmulas sacramentais e aplicou-as de maneira variada, e sem alarde, conforme a patologia de cada um que O procurava.

Estabelecendo na fé dos pacientes um paradigma para os resultados eficazes, estimulava-os à perfeita sintonia com o Seu pensamento, a fim de bem assimilarem os recursos curativos que lhes ministrava.

Sem violentar o livre-arbítrio de cada qual, aguardava que Lhe fosse solicitada a ajuda, e, não raro, por Sua vez, indagava se a pessoa acreditava que Ele a poderia curar, despertando-lhe as adormecidas possibilidades de captação das vibrações favoráveis ao seu restabelecimento.

Graças à aquiescência, Ele infundia valor moral ao enfermo e direcionava-lhe as energias restauradoras da saúde, assim como aquelas que induziam os *parasitas espirituais* que se lhes mantinham em conúbios obsessivos a se afastarem das suas vítimas.

Recorreu ao toque suave e doce, à voz altissonante e lúcida, à vontade imbatível, assim como aos meios materiais, quais o realizado com o nado cego, ou apenas ao Seu pensamento sempre com resultados perfeitos...

...E desfilaram diante dEle as misérias morais e espirituais humanas, que bondosamente atendeu, tomado de infinita compaixão...

Depois dEle, inúmeros missionários recorreram aos mesmos recursos, conscientes de que, mediante a fé, poderiam fazer muito do que Ele realizara, reconhecendo, porém, as poucas possibilidades de que dispunham, aplicavam as fórmulas que O antecederam, tanto quanto as técnicas que Ele utilizara, reunindo em tratados para estudos os métodos de direcionamento da energia curativa.

Graças, no entanto, à Doutrina Espírita com a revelação da *lei dos fluidos*, se alargou a compreensão em torno dos inimagináveis tesouros fluidoterapêuticos ao alcance de todos quantos se ofereçam ao ministério da caridade para com o seu próximo, na condição de terapeuta espiritual.

Os passes ou a aplicação da bioenergia são valiosos procedimentos de socorro aos enfermos de todo matiz que enxameiam no mundo.

Compreendendo a gravidade do ministério e instrumentalizando-se moral e espiritualmente, o passista deve alterar completamente a conduta mental e comportamental anterior, a fim de enriquecer-se de forças psíquicas e bioenergéticas para melhor transmiti-las.

A superação dos hábitos viciosos, o desencharcamento dos tóxicos fluídicos inferiores, dos pensamentos vulgares e insanos, do tabaco, do álcool e de outras drogas químicas aditivas, energizam o devotado obreiro da saúde física e espiritual que, munido dos tesouros do amor e da oração, se coloca a serviço dos Espíritos superiores para tornar a vida humana melhor e mais rica de saúde e de paz.

Concomitantemente, cabe-lhe instruir o paciente com informações claras e energéticas, que o auxiliem a não retornar aos comprometimentos anteriores a que se entregava, *para que não lhe aconteça nada pior*, conforme advertia Jesus.

A terapia pelos passes, destituída de gestual cabalístico ou de propostas sugestivas, supersticiosas, deve infundir ânimo e despertar reflexão naqueles que lhe recorrem ao processo de recuperação.

Por meio de uma sintonia harmônica com as Esferas espirituais elevadas, agente e paciente da terapia pelos passes conseguirão harmonia interior, saúde e paz, mesmo quando por ocasião dos momentos difíceis do testemunho e das provações.

Ao alcance de todos quantos desejem renovação, os passes deverão servir de procedimento de emergência antes de serem tomadas outras providências, assim constituindo notável contributo de sustentação para as atitudes posteriores a serem utilizadas.

Através dos passes, da transmissão de forças vivas, canalizadas para os enfermos de ambos os planos da Vida, os Espíritos perversos e alucinados igualmente se beneficiam e podem ser deslocados dos seus *hospedeiros*, ensejando a recuperação moral da vítima e o esclarecimento do algoz.

Nos transtornos, portanto, obsessivos, os passes são de salutar resultado, propiciando a renovação do campo vibratório do enfermo e alterando a indução perturbadora que é imposta pelo *hóspede* indesejado, mas portador de grande energia deletéria.

Face aos problemas perturbadores nas áreas da saúde e da conduta, os passes constituem precioso recurso terapêutico que deve ser buscado, a fim de que ocorra a instalação do bem e da alegria de viver em todas as criaturas.

Manoel Philomeno de Miranda

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão mediúnica do dia 29 de agosto de 2001, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.) ●

Cobiça e inveja

JOSÉ YOSAN DOS SANTOS FONSECA

Na vida prática essas duas imperfeições da personalidade são muito confundidas, parecem a mesma coisa. A verdade é que devemos esforçar-nos para que não cultivemos nem uma nem outra.

Para ajudar o leitor a distingui-las, propomos o seguinte critério: cobiça é querer o que é do outro – bens, posses, coisas, situações. Inveja é não querer que o outro tenha – situação, prestígio, boa reputação, amor, boa imagem, vantagens, independentemente do fato de que ele não tendo, isto nos beneficie, ou não.

Se o leitor observar bem, verá que na maioria das circunstâncias, tanto da cobiça quanto da inveja, nada resulta em nosso benefício, apenas frustração e prejuízo para o próximo, o que é uma flagrante violação da lei de amor que nos manda querer para os outros aquilo que quereríamos para nós.

Usamos, semanticamente, palavras com valores atenuados, que freqüentemente transformam grandes imperfeições, tais como a ambição, a inveja e a cobiça, em “valores” sociais.

Ante uma informação de que alguém conseguiu algo de bom, lá vem um “se inveja matasse eu estaria morto”, que é tomado como um cumprimento, um estímulo, mas que no fundo expressa muito freqüentemente o que significa: eu gostaria de ter isso no seu lugar, você ganhou isso por sorte; por que não eu?

A idéia não é que você se torne santo de um dia para o outro, mas que seja a cada dia um pouco melhor, identificando condutas, problemas e dominando impulsos negativos. Quando se vir ante um impulso de inveja ou cobiça, identifique claramente seu sentimento e procure corrigi-lo na hora, por palavras, sentimentos ou atos corretivos.

•

O Discípulo Iludido

RICHARD SIMONETTI

Mateus, 26:1-5, 14-16

Marcos, 14:1-2, 10-11

Lucas, 22:1-6

Em sua derradeira visita a Jerusalém, Jesus estava perfeitamente consciente do que o aguardava, revelando notável capacidade premonitória.

Dizia aos discípulos:

– *Sabeis que daqui a dois dias acontecerá a Páscoa e o filho do Homem será entregue para ser crucificado.*

A cúpula religiosa judaica tramava neutralizar aquele profeta atrevido que subvertia a lei mosaica.

A idéia de que deveria ser eliminado tomara corpo. Que fosse submetido a sumário julgamento e condenado à morte, imprimindo-se foro de legalidade à criminosa iniciativa.

A providência inicial, sua prisão, deveria ocorrer de forma discreta. O profeta galileu contava com a simpatia do povo. Beneficiara muita gente. Não seria prudente qualquer ação passível de gerar tumultos, o que implicaria sérios embaraços junto às autoridades romanas.

Foi quando entrou em cena Judas.

Espontaneamente, procurou os sacerdotes, oferecendo-se para entregá-lo aos seus algozes, na calada da noite, em local ermo.

Enigmática figura. Pouco se sabe dele, além do fato de que o chamavam Iscariotes, para distingui-lo de outro discípulo, Judas Tadeu. O sobrenome indicava sua naturalidade: Queriotote, na Judéia. Não era, portanto, galileu, como os companheiros.

Tendo exercido a profissão de comerciante, fora encarregado de controlar a economia do grupo, cuidando do dinheiro.

A tradição o situa como mesquinho e avaro, mas é difícil conceber que Jesus tenha convocado para seu círculo íntimo alguém com esse perfil. Provavelmente, essa concepção surgiu posteriormente, inspirada na indignação da comunidade cristã, em face de sua lamentável iniciativa.

Judas propôs-se a trair Jesus por trinta dinheiros. Equivalia ao salário mensal de um trabalhador braçal, quantia insignificante, que de modo algum justificava a traição. Bem mais poderia subtrair das economias do grupo, se o desejasse.

Há quem diga que o apóstolo o fez movido pelo ressentimento. Supostamente, Jesus o teria criticado por sua avareza. Esse argumento carece de fundamento, porquanto havia um clima de cordialidade no colégio apostólico. As admoestações do Mestre eram

sempre carinhosas, sem o caráter de agressividade que justificasse tão maldosa iniciativa.

Alguns cronistas vêem em Judas um mau-caráter, mas peça indispensável no drama do Calvário, que exigia um traidor, à semelhança das tragédias gregas. As forças do destino o teriam colocado naquela posição, em que fatalmente cederia às próprias fragilidades.

Essa idéia parece-me inconsistente. Seria o mesmo que justificar as atrocidades de um facínora que mata muita gente, situando-o como um instrumento de Deus, porque suas vítimas assim devem morrer.

Por outro lado, talvez o leitor não concorde, mas acredito que Judas foi personagem secundária e dispensável, pouco mais que um figurante. Se o eliminarmos, nada se perderá, em substância e dramaticidade, nos acontecimentos que marcaram o final do apostolado messiânico, mesmo porque ele não foi o único traidor.

Quase todos os que cercavam Jesus traíram sua confiança, na medida em que se omitiram.

O colégio apostólico desagregou-se.

Os simpatizantes de sua doutrina permaneceram longe.

Nem mesmo os ex-cegos, mudos, paralíticos, surdos, beneficiados por suas mãos abençoadas, estiveram presentes.

O medo foi mais poderoso e convincente do que o dever, a amizade, a gratidão! O medo nivelou todos, situando-os por ingratos beneficiários daquele homem admirável, que mesmo ante as perspectivas da morte degradante, não perderia, por um instante sequer, a serenidade que marcava seu comportamento.

Só há uma maneira de desvendar as motivações de Judas: ouvir o seu próprio testemunho.

...

Em 1937, em pleno exercício de sua produção mediúnica, Francisco Cândido Xavier psicografou o livro *Crônicas de Além-Túmulo*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, famoso e querido escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

O autor descreve, num dos capítulos, a viagem que fez a Jerusalém, sonho acalentado por muitos cristãos. Transitar pelos lugares sagrados, pisar o mesmo solo por onde andou Jesus...

Idosa senhora desejava, ardentemente, realizar essa peregrinação. O marido, um tanto preocupado com o clima de beligerância entre árabes e judeus, e bem mais com a preservação de suas economias, procurava contornar a situação.

– Vamos esperar um pouco. Viajaremos de graça.

Ela se animou:

– Verdade! Alguma promoção?

– Não, meu bem. É que dentro de alguns anos nos livraremos da carcaça de carne. Invisíveis, ninguém nos verá no avião...

Bem, não sabemos se Humberto de Campos viajou de carona, ou volitando, como o fazem os Espíritos que já se desvencilharam do lastro pesado das paixões humanas...

O fato é que lá estive, certa noite. Com a sensibilidade dos desencarnados, experimentou, emocionado, a vibração que ainda pairava sobre aqueles lugares santos, onde Jesus dera seus gloriosos testemunhos.

Em dado momento, viu um Espírito em atitude meditativa. Irradiava cativante simpatia.

Alguém informou: era Judas.

Humberto não resistiu. Aproximou-se e, após apresentar-se, fez a pergunta que todos gostaríamos de formular:

– *É uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento a respeito da sua personalidade, na tragédia da condenação de Jesus?*

Judas respondeu que em nenhum momento pensou em dinheiro. Era umapai-

xonado pelas idéias socialistas de Jesus. Sem entender os fundamentos do Evangelho, pensava mais em termos políticos. Não acreditava que, com sua mansuetude e o santo horror à violência, o Mestre conseguisse algo de produtivo. Imperioso conquistar o poder, a partir de enérgicas iniciativas.

Planejou, então, uma revolução, colocando Jesus em plano secundário. Imaginava que sua prisão provocasse uma reação popular. Com o concurso de colaboradores afinados com suas convicções, aproveitaria o ensejo e alcançaria seus objetivos, envolvendo a multidão.

Jamais poderia imaginar o rumo que os acontecimentos tomaram. Após a tragédia, ralado de remorsos, concluiu que o suicídio era a única maneira de redimir-se.

Judas foi um idealista transviado, a imaginar que seria possível eliminar as diferenças sociais e as injustiças em bases de violência.

...

Humberto de Campos lhe perguntou se o suicídio teria sido suficiente para redimi-lo.

Judas explicou que o remorso fora apenas uma providência preliminar, em face da reparação que lhe competia. Durante séculos padeceu, em múltiplas encarnações, o sofrimento expiatório. Foi cristão em existências que se sucederam. Sofreu horrores nas perseguições aos adeptos do Cristianismo.

Seus tormentos culminaram numa fogueira inquisitorial, quando também *foi traído, vendido e usurpado*, isto já em pleno século XV, quando fechou o ciclo de suas reencarnações expiatórias, com o perdão da própria consciência.

Humberto de Campos lhe perguntou se estava ali meditando sobre os dias passados.

– Sim... estou recapitulando os fatos como se passaram. E agora, irmanado com Ele, que se acha no seu luminoso Reino das Alturas, que ainda não é deste mundo, sinto nestas estradas o sinal dos seus passos divinos. Vejo-o ainda na cruz, entregando a Deus o seu Destino... Sinto a clamorosa injustiça dos companheiros que o abandonaram inteiramente e me vem uma recordação carinhosa das poucas mulheres que o ampararam no doloroso transe. Em todas as homenagens a Ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor. Olho complacentemente os que me acusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenária, como sobre estes sítios cheios de miséria e de infortúnio. Pessoalmente, porém, estou saciado de justiça, porque já fui absolvido pela minha consciência, no tribunal dos suplícios redentores.

Quanto ao Divino Mestre – continuou Judas com seus prantos –, infinita é a sua misericórdia e não só para comigo, porque, se recebi trinta moedas, vendendo-o aos seus algozes, há muitos séculos Ele está sendo criminosamente vendido no mundo, a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoedado...

...

Um dia, quando as faculdades psíquicas humanas estiverem mais desenvolvidas, permitindo o acesso aos arquivos espirituais, que registram os eventos humanos, teremos uma historiografia espírita.

Reescreveremos a História a partir das informações que emanam da Espiritualidade, com uma visão objetiva de como as coisas aconteceram, realmente.

Então, a figura de Judas deixará de simbolizar a do traidor execrável que vendeu seu Mestre por dinheiro. Saberemos que foi o discípulo iludido, que pretendeu construir o Reino dos Céus à sua moda.

Em seu favor, como ele próprio destaca, devemos lembrar que Jesus continua sendo traído por incontáveis religiosos, que sustentam inconcebível coexistência entre

Oração da Humildade

INALDO LACERDA LIMA

“Oh! Faça-se, meu Pai, tua vontade
e não a minha, face à atrocidade
deste mundo cruel.”

– Assim, Jesus, ao Pai te confiaste
diante da taça a que te reservaste
transbordante de fel!...

Tu que eras puro, Mestre, e eras perfeito
e pelo Pai de Amor, enfim, eleito
para então nos salvar!...

“Ah! Se quisesse, ao Pai eu pediria
as milícias do céu que, com alegria,
viriam me amparar...”

– Falaste, assim, à soldadesca em fúria
que, a serviço do mal, em ânsia espúria
viera te prender.

Pois eles ignoravam, certamente,
sob a ação da maldade irreverente,
teu imenso poder.

Não obstante, Jesus, nós, neste mundo
que transformamos em abismo fundo,
não queremos a dor...

E a dor é conseqüência, nestes ermos,
do mal que praticamos como enfermos
do nosso desamor!...

E nos desajustamos quase em tudo:
No pensar, no sentir, no próprio estudo!...

Perdemos a visão
de Deus, até da Vida, do sustento
mesmo da Fé, e do temperamento,
inibindo a Razão!...

Espíritas, agora, ó Mestre amado,
Ouvimos do Evangelho o lúcio brado:
“Sois arautos do Bem!”

E desviar-nos das sagradas sendas
com tentações, com mágoas ou conten-
das
não permitas ninguém!

Cumula-nos com a bênção da Humildade,
com o espírito solar da Caridade
e as luzes do Porvir,
que preferimos, pois, todas as dores,
todas as provas, todos dissabores,
ao teu Amor trair!

Sê conosco, Jesus! Teu Evangelho
em cada um de nós mude o homem velho
num ser pleno de Amor!

Almas cheias de Amor e de paciência
faze de nós com tua Luz e Ciência.
Assim seja, Senhor!

Menino de Rua

FÁBIO HENRIQUE RAMOS

Sou pequeno e pouco desenvolvido, acho que é porque como quase só pão. Mas as pessoas ainda assim têm medo de mim. Afastam-se temerosas quando me aproximo. Nos carros, os vidros se fecham, como por encanto, quando me vêem. Aprendi a usar este poder e várias vezes já consegui que me dessem dinheiro ou outros objetos. É só fechar a cara e os grandes tremem, dando-me o que quero. Não dá para entender! Mas é claro que os cacos de vidro em minhas mãos devem ajudar a convencê-los!

Deito-me nos passeios, comendo alguma coisa, ou circulo entre os carros, testando minha perícia em desviar-me deles, enquanto passam em alta velocidade. Às vezes penso que se algum carro me pegasse seria melhor. Isso tudo acabaria.

É, esta vida é tão ruim, tão seca! Meus companheiros me agridem por qualquer coisa e me tomam o que eu consigo, se lhes interessa. Não há amizade! Fazem-me lembrar do homem que morava com minha mãe. Só me batia e dizia palavras ásperas, que me cortavam por dentro, enquanto me fitava com ódio. Um dia fugi dele e de tudo aquilo. Mas fiquei sem minha mãe, único ser que já me afagou e dirigiu palavras de carinho.

Sinto-me tão só! Queria fugir de novo, mas para onde? Já cheirei cola e delirei por horas seguidas, mas era ruim, como um sonho louco. E, ao voltar a mim, lá estavam de novo as pessoas com seus semblantes frios passando, os carros que não param (para onde eles vão?) e a fome.

Ah!, a fome! Aquela queimação por dentro, te corroendo o estômago! Dá vontade de roubar, de matar, de fazer qualquer coisa para acalmar a maldita. Se peço, dão-me só pão duro, seco. Uma vez, quando ainda vivia com a minha mãe, lembro-me de que ela fez uma comida quentinha. Tinha arroz, feijão, batata e até salsicha! Que delícia! Mas depois, nunca mais senti o prazer de comer algo com cheiro, acabado de fazer na hora.

Um dia vi pela janela de uma casa uns meninos, assim do meu tamanho, brincando de videogame. Pareciam tão felizes! Sorriam despreocupados do que iam comer naquele dia, ou onde iam dormir. Depois, entrou uma dona lá no quarto e os beijou e falou com eles com tanto amor que me enchi de vontade de ter aquilo também. Então, pulei a grade do jardim e me aproximei da janela para sentir tudo mais de perto. Não sei que idéia maluca foi aquela, mas eu fui atraído por aquela cena. A mulher se parecia tanto nos gestos, com a minha mãe! Eu queria fazer parte, por uns minutos que fosse, daquela reunião de onde se irradiava tanta energia, tanto afeto!

Mas o primeiro menino me viu e arregalou os olhos em minha direção, incapaz de emitir um som, tamanho o seu pavor. Olhei para trás, assustado, procurando a razão de

todo o seu medo, mas nada vi. Compreendi, tarde demais, que eu era a razão. A senhora começou a gritar desesperada, acompanhada dos meninos, e logo surgiu pela porta de entrada da casa um homem alto com alguma coisa na mão. Não deu tempo de ver o que era, somente sei que ele bateu forte com aquilo na minha cabeça e tudo se escureceu à minha volta.

Não senti mais fome, nem dor, nem frio. Fiquei muito tempo numa espécie de anestesia, vendo somente vultos e mal compreendendo o que se passava em torno de mim. Quando recobrei totalmente os sentidos, vi-me deitado em uma cama muito limpa, com flores lindas em vasos nos cantos do quarto, e uma suave música dava-me uma deliciosa sensação de bem-estar. Depois de alguns minutos, entrou no quarto uma enfermeira muito agradável, que, sorrindo, pegou em minhas mãos e disse muito naturalmente:

- Acabou meu filho! Você está livre! O estágio foi concluído.
- Como assim moça?
- Você retornou à sua verdadeira vida, deixando no mundo seu corpo perecível, com todas suas dores e necessidades.
- O quê?
- Isso mesmo, querido, você morreu!

Adão e o Paraíso na concepção espírita

SEVERINO BARBOSA

Consultando *O Livro dos Espíritos*, obra básica do Espiritismo, na questão 50 – *Povoamento da Terra, Adão* – percebemos o gênio curioso de Allan Kardec, ao fazer aos Espíritos esta pergunta: “A espécie humana começou por um único homem?” Em resposta, os mensageiros espirituais esclarecem: “Não; aquele a quem chamais Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra.”

Como vemos, a resposta dos Espíritos é clara e objetiva. Não deixa margem à dúvida interpretação.

Assim, as crenças religiosas que fundamentam seus princípios doutrinários na Bíblia devem ter muita cautela. Porque os textos bíblicos interpretados ao pé da letra podem nos conduzir ao fanatismo, que ao longo dos séculos tem sido motivo de rivalidades, perseguições e guerras entre as religiões que se dizem cristãs.

Em primeiro lugar, diríamos que incorreria em absurdo equívoco toda criatura que considerasse a Bíblia como sagrada, por ser ela a palavra de Deus. Afirmaríamos, simplesmente, que esse livro não é santo, nem tampouco representa a palavra do Senhor de tudo e de todas as coisas. Desse modo, quem a estudar com atenção e senso crítico constatará que ela é contraditória (ou aparentemente contraditória) em algumas de suas partes.

Para confirmação do que afirmamos, basta este exemplo: *Gênesis*, primeiro livro do Pentateuco de Moisés, reza que o primeiro homem a povoar a Terra foi Adão. Depois, tirou-se-lhe uma costela para formação de Eva. Após esse acontecimento, nasceram seus dois primeiros filhos, Caim e Abel. Logo, naquela longínqua época, havia somente quatro pessoas. Caim matou Abel, ficaram apenas três criaturas. Caim, envergonhado, fugiu para outras terras e, lá, encontrou uma jovem com quem casou e formou família. (*Gênesis*: cap. 2 a 5.)

Agora, uma pergunta: a jovem tinha pais, avós, bisavós... De onde veio esse povo?

Eis aí, pois, a frontal contradição.

O Livro dos Espíritos (LE) tem razão ao afirmar que Adão não foi o primeiro nem o único a povoar o mundo.

Com as luzes da Filosofia Espírita, apoiada pelas pesquisas científicas, hoje sabemos que a raça humana surgiu em diversas partes do Planeta e em diferentes épocas, fato causal que vem confirmar as teorias da diversidade das raças. E, como é lógico, do entrecruzamento das raças, surgiram outros modelos raciais. (LE, questão 53.)

Dessa forma, bom seria que, com o Espiritismo, considerássemos os personagens Adão e Eva, bem como os seis dias da criação do mundo, o paraíso, a serpente, a maçã, etc., como seres e lugares, acontecimentos e coisas mitológicos ou lendários, já que a Bíblia se constitui verdadeiro celeiro de alegorias. Alegorias, por trás das quais se ocultam grandes verdades.

Vamos questionar?

Retirando a capa que envolve as alegorias, as figuras Adão e Eva não representariam a Humanidade? Os seis dias da Criação não seriam as primeiras idades do planeta Terra e, em seu conjunto, um longo período de milhões de anos como preparação para surgirem os seres vivos? O paraíso, alegoricamente falando, não representaria um planeta superior, de onde emigrou parte da raça humana? A serpente não seria a personificação do mal em geral, sendo a maçã a alegoria dos arrastamentos ao mal?

Segundo a Bíblia, Deus expulsou Adão do Éden, por desobediência, e pôs um anjo com espada para guardar o paraíso. Para explicar esse fato, passamos a palavra ao mestre Allan Kardec, que, em seu livro *A Gênese* (Ed. FEB, cap. XII, item 23), afirma: “O paraíso terrestre, cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra, era, por conseguinte, a figura do mundo ditoso, onde vivera Adão, ou, antes, a raça dos Espíritos que ele personifica. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do mundo terráqueo e a mudança de situação foi a conseqüência da expulsão. O anjo que, empunhando uma espada flamejante, veda a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade em que se acham os Espíritos dos mundos inferiores, de penetrar nos mundos superiores, antes que o mereçam pela sua depuração.”

Confirmando as interpretações de Allan Kardec, acima, o guia espiritual de Chico Xavier, o venerável Espírito Emmanuel, em seu *A Caminho da Luz* (Ed. FEB), explica que o paraíso da Bíblia, do qual, simbolicamente, a figura lendária de Adão fora expulsa por Javé, representa a expulsão de milhares de Espíritos rebeldes de um planeta que pertence ao sol Capela, distante da Terra cerca de 42 anos-luz.

Segundo ainda informações desse elevado Espírito, aqueles Espíritos, como exilados, reencarnaram em nosso mundo e, assim, formaram a raça adâmica.

É importante assinalar que esse fato não ocorreu apenas há quatro mil anos antes do Cristo, como indica a Bíblia. A idade exata perde-se na noite dos tempos. Isto significa que muito antes do personagem Adão – ou pessoa mitológica –, já existiam homens espalhados por diversas localidades do Planeta. É o que também confirma a Ciência, através das escavações, pesquisas e estudos dos fósseis, como afirma Allan Kardec.

Além dessa sensata afirmativa, o Codificador do Espiritismo diz que tal idéia não é nova, acrescentando: “La Peyrère, sábio teólogo do século dezessete, em seu livro **Preadamitas**, escrito em latim e publicado em 1655, extraiu do texto original da Bíblia, adulterado pelas traduções, a prova evidente de que a Terra era habitada antes da vinda de Adão e essa opinião é hoje a de muitos eclesiásticos esclarecidos.” (*A Gênese*, cap. XII – nota do item 25.)

Em nossa atualidade, se enxergarmos a realidade com a visão espiritual, verificamos que muitos teólogos, em nome da religião, têm empreendido mudanças em suas mentalidades. Citemos como exemplo o Papa João Paulo II que, recentemente, aboliu o dogma “céu, inferno e purgatório”. Em seu fundamento, alegou que esse dog-

ma é mero estado da alma de cada criatura. Portanto, não faz mais parte da lista dos dogmas da Igreja Católica Romana.

Assim, pouco a pouco, as religiões irão fazendo suas necessárias e úteis transformações, ajustando-se melhor aos ensinamentos do Cristo.

Por tudo isso, pode-se afirmar que estamos no fim dos tempos? Claro que não! Segundo os Evangelhos, estamos apenas no começo das mudanças.

Com relação a Eva, que segundo o texto bíblico teria sido formada de uma costela de seu companheiro Adão, também é outra alegoria. Allan Kardec explica: "(...) aparentemente pueril, se admitida ao pé da letra, mas profunda, quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que é por conseguinte igual a este perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada qual hilota." (*A Gênese*, cap. XII, item 11.)

Allan Kardec, no mesmo raciocínio interpretativo, vai mais além: "(...) Tendo-a como saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva, do que se ela fora tida como formada, separadamente, do mesmo limo. Equivale a dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, que ele a deve amar como parte de si mesmo." (*Idem.*)

Por tudo isso se vê, mais uma vez, que a Bíblia está envolta num manto de alegorias, que precisa de interpretações e esclarecimentos à luz da Doutrina Espírita.

PRESENÇA DE CHICO XAVIER

A campanha da paz

Estabelecidos em Jerusalém, depois do Pentecostes, os discípulos de Jesus, sinceramente empenhados à obra do Evangelho, iniciaram as campanhas imprescindíveis às realizações que o Mestre lhes confiara.

Primeiro, o levantamento de moradia que os albergasse.

Entremearam possibilidades, granjearam o apoio de simpatizantes da causa, sacrificaram pequenos luxos, e o teto apareceu, simples e acolhedor, onde os necessitados passaram a receber esclarecimento e consolação, em nome do Cristo.

Montada a máquina de trabalho, viram-se defrontados por novo problema. As instalações demandavam expressivos recursos. Convocações à solidariedade se fizeram ativas. Velhos cofres foram abertos, canastras rojaram-se de borco, entornando as derradeiras moedas, e o lar da fraternidade povoou-se de leitos e rouparia, candeias e vasos, tinas enormes e variados apetrechos domésticos.

Os filhos do infortúnio chegaram em bando.

Obsidiados eram trazidos de longe, velhinhos que os descendentes irresponsáveis atiravam à rua engrossavam a estatística dos hóspedes, viúvas acompanhadas por filhinhos chorosos e magricelas aumentavam na instituição, dia a dia, e enfermos sem ninguém arrastavam-se na direção da pousada de amor, quando não eram encaminhados até aí em padiolas, com as marcas da morte a lhes arroxear o corpo enlanguescido.

Complicaram-se as exigências da manutenção e efetuaram-se coletas entre os amigos. Corações generosos compareceram. Remédios não escassearam e as mesas foram supridas com fartura.

Obrigações dilatadas reclamaram concurso humano.

Os continuadores de Jesus apelaram das tribunas, solicitando braços compassivos que lavassem os doentes e distribuíssem os pratos. Cooperadores engajaram-se gratuitamente e formaram-se os diáconos prestimosos.

Criancinhas começaram a despontar na estância humilde e outra espécie de assistência se impôs, rápida. Era necessário amontoar o material delicado em que os recém-nascidos, à maneira de pássaros frágeis, pudessem encontrar o aconchego do ninho. Senhoras abnegadas esposaram compromissos. A legião protetora do berço alcançou prodígios de ternura.

E novas campanhas raiavam, imperiosas. Campanhas para o trato da terra, a fim de que as despesas diminuíssem. Campanhas para substituir as peças inutilizadas pelos obsessos, quando em crises de fúria. Campanhas para o auxílio imediato às famílias desprotegidas de companheiros que desencarnaram. Campanhas para mais leite em favor dos pequeninos.

Entretanto, se os apóstolos do Mestre encontravam relativa facilidade para assegurar a manutenção da casa, reconheciam-se atribulados pela desunião, que os ameaçava, terrível. Fugiam da verdade. Levi criticava o rigor de Tiago, filho de Alfeu. Tiago não desculpava a tolerância de Levi. Bartolomeu interpretava a benevolência de André como sendo dissipação. André considerava Bartolomeu viciado em sovinice. Se João, muito jovem, fosse visto em prece, na companhia de irmãs caídas em desvalimento diante dos preconceitos, era indicado por instrumento de escândalo. Se Filipe dormia nos arrabaldes, velando agonizantes desfavorecidos de arrimo familiar, regressava sob a zombaria dos próprios irmãos que não lhe penetravam a essência das atitudes.

Com o tempo, grassaram conflitos, despeitos, queixumes, perturbações. Cooperadores insatisfeitos com as próprias tarefas invadiam atribuições alheias, provocando atritos de conseqüências amargas, junto dos quais se sobrepunham os especialistas do sarcasmo, transfigurando os querelantes em trampolins de acesso à dominação deles mesmos.

Partidos e corrilhos, aqui e ali. Cochichos e arrufos nos refeitórios, nas cozinhas enredos e bate-bocas. Discussões azedavam o ambiente dos átrios. Fel na intimidade e desprezo por fora, no público que seguia, de perto, as altercações e as desavenças.

Esmerava-se Pedro no sustento da ordem, mas em vão. Aconselhava serenidade e prudência, sem qualquer resultado encorajador. Por fim, cansado das brigas que lhes desgastavam a obra e a alma, propôs reunirem-se em oração, a benefício da paz. E o grupo passou a congregar-se uma vez por semana, com semelhante finalidade. Apesar disso, porém, as contendias prosseguiram, acesas. Ironias, ataques, remoques, injúrias...

Transcorridos seis meses sobre a prece em conjunto, uma noite de angústia apareceu, em que Simão implorou, mais intensamente comovido, a inspiração do Senhor. Os irmãos, sensibilizados, viram-no engasgado de pranto. O companheiro fiel, rude por vezes, mas profundamente afetuoso, mendigou o auxílio da Divina Misericórdia, reconhecia a edificação do Evangelho comprometida pelas rixas constantes, esmolava assistência, exorava proteção...

Quando o ex-pescador parou de falar, enxugando o rosto molhado de lágrimas, alguém surgiu ali, diante deles, como se a parede, à frente, se abrisse por dispositivos ocultos, para dar passagem a um homem.

À luz mortiça que bruxuleava no velador, Jesus, como no passado, estava ali, rente a eles... Era ele, sim, o Mestre!... Mostrando o olhar lícido e penetrante, os cabelos desnastrados à nazarena e melancolia indefinível na face calma, ergueu as mãos num gesto de bênção!...

Pedro gemeu, indiferente aos amigos que o assombro empolgava:

– Senhor, compadece-te de nós, os aprendizes atormentados!... Que fazer, Mestre, para garantir a segurança de tua obra? Perdoa-me se tenho o coração fatigado e desditoso!...

– Simão – respondeu Jesus, sem se alterar –, não me esqueci de rogar para que nos amássemos uns aos outros...

– Senhor – tornou Cefas –, temos realizado todo o bem que nos é possível, segundo o amor que nos ensinaste. Nossas campanhas não descansam...

Temos amparado, em teu nome, os aleijados e os infelizes, as viúvas e os órfãos...

– Sim, Pedro, todas essas campanhas são aquelas que não podem esmorecer, para que o bem se espalhe por fruto do Céu na Terra; no entanto, urge saibamos atender à campanha da paz em si mesma...

– Senhor, esclarece-nos por piedade!... Que campanha será essa?!...

Jesus, divinamente materializado, esprou o olhar percuciente na diminuta assembléia e ponderou, triste:

– O equilíbrio nasce da união fraternal e a união fraternal não aparece fora do respeito que devemos uns aos outros... Ninguém colhe aquilo que não semeia... Conseqüiremos a seara do serviço, conjugando os braços na ação que nos compete; conquistaremos a diligência, aplicando os olhos no dever a cumprir; obteremos a vigiância, empregando criteriosamente os ouvidos; entretanto, para que a harmonia permaneça entre nós, é forçoso pensar e falar acerca do próximo, como desejamos que o próximo pense e fale sobre nós mesmos...

E, ante o silêncio que pesava, profundo, o Mestre rematou:

– Irmãos, por amor aos fracos e aos aflitos, aos deserdados e aos tristes da Terra, que esperam por nós a luz do Reino de Deus, façamos a campanha da paz, começando pela caridade da língua.

Irmão X

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. Contos Desta e Doutra Vida, 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, cap. 31, p. 143- -145.

Espiritismo

Espiritismo é uma luz
Gloriosa, divina e forte,
Que clareia toda a vida
E ilumina além da morte.

É uma fonte generosa
De compreensão compassiva,
Derramando em toda parte
O conforto d'Água Viva.

É o templo da Caridade
Em que a Virtude oficia,
E onde a bênção da Bondade
É flor de eterna alegria.

É árvore verde e farta
Nos caminhos da esperança,
Toda aberta em flor e fruto
De verdade e de bonança.

É a claridade bendita

Do bem que aniquila o mal,
O chamamento sublime
Da Vida Espiritual.

Se buscas o Espiritismo,
Norteia-te em sua luz:
Espiritismo é uma escola,
E o Mestre Amado é Jesus.

Casimiro Cunha

**Fonte: XAVIER, Francisco
Cândido. Parnaso de Além-
Túmulo. 14. ed. Rio de Janeiro:
FEB, 1994, p. 202- 203.**

Tratamento de enfermo no Espaço

PASSOS LÍRIO

Embora já com 42 anos, é como se o fato tivesse ocorrido ontem. A carta do médium Francisco Cândido Xavier ao Prof. Ismael Gomes Braga e a deste ao Presidente A. Wantuil de Freitas, a primeira relatando o acontecimento, a segunda reportando-se ao mesmo, são provas disso, como veremos.

O caso é que o grande espiritista-esperantista brasileiro fora acometido de mal súbito, que o levou a funda prostração, inspirando cuidados à sua abnegada esposa, e na noite de 29 para 30 de janeiro de 1960 recebeu medicação no Plano Espiritual, em circunstâncias tais que são de molde a nos chamar a atenção.

A presença de Emmanuel solicitando a uma das Entidades presentes – D. Aldana – que “assumisse a direção dos trabalhos”; a aplicação, por parte dessa, de medicamentos no tórax do enfermo, envolvendo-o “em forças magnéticas” que tinham cor – “uma espécie de ondas rosadas” –; uma segunda senhora (Estevina) trazendo do interior do domicílio um volume, dentre outros de coletâneas de trabalhos do Prof. Ismael, escritos no período de dois anos, explicando que os há, separadamente, tanto de Espiritismo quanto de Esperanto – são particularidades verdadeiramente dignas de nota.

Há outras nuances de singular beleza, mas, se nos predispuéssemos a relatá-las, tiraríamos às duas cartas, alusivas ao assunto, o sabor de novidade que o leitor precisa experimentar do contato com o texto de ambas.

Pela ordem, primeiro deveríamos apresentar a do medianeiro de Pedro Leopoldo e Uberaba ao fecundo beletista das letras espíritas e notável mestre de Esperanto, mas optamos pela missiva deste ao, então, Presidente da Federação Espírita Brasileira, o grande e mui saudoso Dr. Wantuil, na qual o signatário, com a sua autoridade de

homem erudito e simples, destaca ligeiros lances de muita oportunidade.

Vamos aos “arquivos documentais” da Casa de Ismael, que a passagem dos anos só faz é atualizá-los cada vez mais, sem jamais conseguir envelhecê-los nem descolori-los, retrocedendo a 9 de fevereiro de 1960.

...

“Wantuil,

Como lhe prometi pelo telefone, fiz cópia da carta do Chico, na qual ele me relata uma sessão de caridade feita em meu benefício no Plano Espiritual, na madrugada de 30 de janeiro de 1960.

É pasmosa a memória do Chico para os nomes próprios de entidades espirituais que ele viu uma única vez ou só lhes ouviu uma vez o nome, como Oscar, Anselmo, Augusta.

Como estudo de Espiritismo me parece muito interessante o relato.

Curioso que um Espírito amigo esteja colecionando e encadernando no Plano Espiritual meus pobres escritos e formando séries de volumes – uns sobre Espiritismo, outros sobre Esperanto.

A caridade que me foi dispensada nessa reunião é um belo ensino sobre a bondade de Espíritos de esferas muito diferentes, reunidos apenas pela caridade. Entre uma mestra-escola como a Aldana, uma dona de casa como Carlinda, e Emmanuel, há uma escala imensa, mas no caso todos se reuniram para dar esmolas a um miserável sofredor, carregado de pecados e mazelas.

Muitos Espíritos ficam perturbados depois da morte, mas eu já fiquei perturbado antes da morte.

Pode conservar a cópia, porque tenho outra e o original.

Um abraço do

Ismael.”

...

De poucos dias antes, daquele mesmo mês, é a carta do Chico ao Prof. Ismael, cujo texto na íntegra é o seguinte:

“Querido Ismael,

Deus nos abençoe.

Estou recebendo hoje a tua carta de 29 último e agradeço-te por tudo, rogando a Deus nos permita a felicidade de saber-te plenamente restaurado de saúde.

Muito grato pelas notícias em que me confirmas a existência do nosso caro irmão Álvaro Damasceno, apresso-me a contar-te novo encontro que tivemos no Plano Espiritual, de 29 para 30, ou de sexta para sábado últimos. – Vim tarde para casa, porque a nossa sessão pública terminou nas primeiras horas da madrugada. Deitei-me e, pouco tempo passado, vi-me conduzido a uma região que não sei descrever corretamente. Tive a idéia de que no estado em que me achava não me afligia por qualquer aspecto exterior. Acompanhado, entrei numa casa de agradável aparência, ladeada de flores e num ambiente alegre como se houvesse ali música que não era ouvida. Não tenho outra expressão para figurar o que senti. Fui recebido pelo mesmo Espírito que fiquei conhecendo por Álvaro Damasceno. Mandou-me entrar com afabilidade. Entrei. Numa sala grande e bela, mas simples e acolhedora, estavam senhoras. Conheci logo Estevina, a irmã dela, que já conhecia de nossos trabalhos espirituais em Pedro Leopoldo, uma outra que fiquei sabendo ser D. Aldana, muito singular pela formosa cabeleira escura, e uma outra muito simpática que me apresentaram como sendo Carlinda. Ao lado delas, reconheci-te e, de improviso, reconheci Emmanuel, percebendo que

fora ele que me conduzira até lá, porque cumprimentava-te, dando a entender que estava chegando.

Com o Álvaro, formamos ao todo oito pessoas. Reunimo-nos de alma alegre. Felizes. Uma felicidade leve, estranha.

Emmanuel, sorrindo, pediu a D. Aldana que assumisse a direção dos trabalhos espirituais. Compreendi que estava ali para seguir uma reunião.

Não estávamos em torno de mesa grande como na Terra, em reuniões habituais de nossa fé. Sentávamo-nos à vontade, em espécies de divãs compridos, mas D. Aldana se deslocou e sentou-se ao pé de um móvel diferente, que parecia característico para salientar a pessoa que o ocupasse.

D. Aldana fez uma prece que nos deixou em lágrimas de profunda emoção. Em seguida, leu num exemplar de *O Evangelho segundo o Espiritismo* alguns trechos do capítulo V, em que se fala de bem-aventurança aos aflitos. Comentou em minutos rápidos e, em seguida, a senhora de nome Carlinda se levantou e, caminhando para teu lado, aplicou-te muita medicação na zona do tórax, envolvendo-te em forças magnéticas que tomavam cor aos meus olhos. Uma espécie de coleção de ondas rosadas que absorvias, através da respiração a longos haustos.

Agradeceste em pranto mal contido o socorro que acabaste de receber, chamando a Sra. Carlinda por “Vovó”, mas não fiquei sabendo se era mesmo alguma de tuas avozinhas. O ambiente doce, mas extremamente respeitável, não me favorecia perguntas. D. Aldana encerrou a reunião enquanto a irmã Quininha tocava um instrumento que me pareceu um piano diferente, porque era alto e exigia da musicista a posição de pé. A melodia era suave, de grande beleza. Finda a música, a irmã Quininha disse-te:

– Ismael, dediquei a música não apenas ao teu coração fraterno, mas também ao Oscar e à mamãe Augusta, ausentes de nossas preces.

Sorriste e aprovaste, mas não fiquei sabendo de quem se tratava.

Perguntaste a ela sobre a mamãe Augusta e ela disse que o “Padre Anselmo estava prestando a ela grande auxílio”.

Seguia tudo com atenção, mas sentia de mim para comigo que não devia perguntar sobre o que vinha observando.

Logo após, todos os presentes, inclusive Emmanuel, te dirigiram palavras de conforto. Pediam-te coragem, tranqüilidade, bom ânimo, alegria.

Estevina, que falava com muito amor e carinho, foi ao interior e trouxe um belo livro e explicou, risonha, que era um dos volumes de teus escritos, por ela colecionados. Estavas, como eu mesmo, surpreso. Abriste o livro, admirado. Linda encadernação. Todas as páginas tinham sinais luminosos, mas algumas delas brilhavam, com expressão de grande beleza. Não me contive e indaguei por quê. Estevina explicou então que se tratava dos artigos que escreveste com mais sacrifício, nos dias de mais luta íntima, de maiores sofrimentos morais. O volume incluía páginas escritas por ti em dois anos, esclarecendo Estevina que apenas trazia um dos volumes, dos muitos que tens no Plano Espiritual e informou, ainda, que o trabalho Esperantista é separado do trabalho espírita, mas que tens livros de um e de outro setor. Conversamos alegrementemente. Comentamos as lições da vida e quando me referia ao ensinamento das páginas luminosas, quando escreveste com mais sacrifícios, notei que Emmanuel me fez o sinal de voltar e, embora com mágoa, despedi-me deixando-te lá, esclarecendo-me a Estevina que te demorarias apenas alguns minutos a mais, para voltar ao Rio por vias diferentes. Em seguida, num fragmento mínimo de tempo, despertei. Eram cinco da manhã.

Guardei tudo que pude reter na memória e conto-te como estão as lembranças, ainda agora, em minha mente.

(a) Chico.”

Em nota no rodapé de cópia dessa carta enviada ao Presidente A. Wantuil de Freitas, o Professor Ismael Gomes Braga registrou suas observações comprobatórias quanto à exatidão dos nomes das Entidades citadas, fazendo-o nestes termos:

“Álvaro Damasceno, Vovó Carlinda, Augusta, Oscar, Padre Anselmo são conhecidos meus numa série de sessões de materializações realizadas de 1927 a 1929 em Andaraí. O mesmo quanto a Quininha e Estevina. D. Aldana foi minha tia, irmã de minha mãe.

Parece que a reunião foi em casa dos Magalhães, porque a Estevina foi ao interior apanhar um livro para nos mostrar.

Naquela noite eu, Ismael, passei muito mal, mas despertei-me bem disposto. Pela madrugada estive dormindo sono profundo, sem sonhos. Todos os nomes próprios estão certos. Vovó era como todos nós tratávamos a Carlinda, que foi madrasta do Estevão de Magalhães e estava em lugar de avó das moças Quininha, Estevina e outras.”

Vemos, assim, como os dois planos – material e espiritual – se interpenetram, alternando-se em regime de recíproca influência, num fluxo e refluxo de causas e efeitos, de forças e vibrações que raíam pelos domínios do sublime, entrelaçando almas e corações pelos mais sacrossantos laços afetivos para a regência da partitura da sintonia do Amor, em que encarnados e desencarnados participam da orquestração.

-

A Paz e o Amor

Cada um responde pelo que faz,
Seja o que for, no mal, seja no bem;
Responde já na Terra ou lá, no além,
Construindo a sua tormenta ou a sua paz.

De acordo com a vontade que se tem,
Pode fazer-se pouco ou muito mais,
Frustrações e euforias isso traz,
Pela omissão ou serviço no bem.

Ninguém se negue, então, a cooperar
Com Cristo, enquanto nos surge o ensejo,
De semear o mundo com valor.

O tempo corre. É tempo de atuar.
Forjando a luz, ainda que um lampejo,
Pelas bênçãos da paz,
Que integra o amor.

Sebastião Lasneau

(Mensagem psicografada pelo médium J. Raul Teixeira, em 8/11/2002, durante a Reunião do Conselho Federativo Nacional da feb, em Brasília-DF.)

ESFLORANDO O EVANGELHO – EMMANUEL E olhai por vós

*“E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez e dos cuidados desta vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia.”
– Jesus. (Lucas, 21:34.)*

Em geral, o homem se interessa por tudo quanto diga respeito ao bem-estar imediato da existência física, descuidando-se da vida espiritual, a sobrecarregar sentimentos de vícios e inquietações de toda sorte. Enquanto lhe sobra tempo para comprar aflições no vasto noticiário dos planos inferiores da atividade terrena, nunca encontra oportunidade para escassos momentos de meditação elevada. Fixa com interesse as ondas destruidoras de ódio e treva que assolam nações, mas não vê, comumente, as sombras que o invadem. Vasculha os males do vizinho e distrai-se dos que lhe são próprios.

Não cuida senão de alimentar convenientemente o veículo físico, mergulhando-se no mar de fantasias ou encarcerando-se em laços terríveis de dor, que ele próprio cria, ao longo do caminho.

Depois de plasmar escuros fantasmas e de nutrir os próprios verdugos, clama, desesperado, por Jesus e seus mensageiros.

O Mestre, porém, não se descuida em tempo algum e, desde muito, recomendou vele cada um por si, na direção da espiritualidade superior.

Sabia o Senhor quanto é amargo o sofrimento de improviso e não nos faltou com o roteiro, antecedendo-nos a solicitação, há muitos séculos.

Retire-se cada um dos excessos na satisfação egoística, fuja ao relaxamento do dever, alije as inquietações mesquinhas – e estará preparado à sublime transformação.

Em verdade, a Terra não viverá indefinidamente, sem contas; contudo, cada aprendiz do Evangelho deve compreender que o instante da morte do corpo físico é dia de juízo no mundo de cada homem.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de Luz*, 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 23, p. 57-58.

O Homem e suas realizações

MAURO PAIVA FONSECA

Arquiteto do próprio porvir, é o Espírito, encarnado ou desencarnado, o responsável direto ou indireto pelos acontecimentos que ponteiavam seu caminho. As ações meritorias representarão créditos computados a favor de sua felicidade futura; os erros, crimes e fraquezas ser-lhe-ão debitados, aguardando, na corrente do futuro, o momento adequado para eclodirem sob a forma de sofrimento e dor.

Quando atingido pelo infortúnio, o homem busca, geralmente inconformado, a causa da própria desventura, elegendo alguém por responsável. Mas a lei de justiça, que tudo preside, marca com precisão exata as conseqüências das causas que ele próprio gerou, promovendo o desequilíbrio em sua vida. Ao desviar-se da Lei Divina, estabelece o determinismo humano, engendrando uma série sucessiva de ocorrências, que mais não objetivam, senão restabelecer o equilíbrio interrompido.

Não existe a preocupação de punir, castigar ou impor quaisquer sofrimentos por parte do Criador: as leis são perfeitas, justas e automáticas, e determinam por inscrição na natureza intrínseca do perispírito todos os acontecimentos da vida pretérita, dentre os quais, aqueles que estão a reclamar reparação, e que aguardam o momento de maturação apropriada para que possam alcançar o maior proveito possível, no trabalho individual da auto-iluminação.

Pensamentos, palavras e atos são os elementos à disposição da criatura para

exercício do livre-arbítrio. Do seu uso, com maior ou menor sabedoria, decorrerá o indispensável estado de equilíbrio e em conseqüência, a maior ou menor cota de ventura; ou o desequilíbrio, e a maior ou menor soma de sofrimento.

Enquanto vivermos, estaremos mergulhados na ambiência adequada ao exercício dos atributos em que nos encontrarmos enfraquecidos. As dificuldades, tropeços, agressões, tentações e vicissitudes constituem recursos de elevada significação, para incrementação do progresso. Aceitá-los com paciência, resignação e humildade será a maneira mais rápida e inteligente de progredirmos. A revolta, a negligência, o desespero, a rebeldia, a indiferença e a inércia são atitudes altamente nocivas ao objetivo superior que nos cumpre alcançar, e que com boa vontade e compreensão poderão ser evitadas, através do esforço libertador do esclarecimento.

A vida na matéria é uma contingência a que se submete o Espírito, por imposição da Lei de Evolução; e a meta a ser alcançada será sempre a elevação do Espírito. Eterno, indestrutível, energeticamente poderoso, contém implícito o plano organogênico da constituição física da criatura em cada jornada terrena, orientando o desenvolvimento celular, segundo as linhas de força dos diferentes sistemas orgânicos do corpo material, do mesmo modo que a semente contém o plano organogênico da árvore que dela se originará, ao conjuminarem as condições ideais para a germinação. Será desta maneira que traremos para a vida as deformações, as insuficiências, as enfermidades congênitas contidas em potencial, na natureza espiritual.

No trabalho pelo progresso, estaremos sujeitos ao princípio da reciprocidade, que determina ser o efeito, sempre, correspondente à causa que o originou. Sua natureza, boa ou má, criará conseqüências de igual teor. Este conceito está implícito no ensinamento do Cristo, enfatizando que “a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória”; isto é, o homem sempre colherá o que semear à sua volta.

Bem e mal são conceitos relativos. Muita vez o que se nos afigura um mal gera, ao longo de nosso porvir, uma conseqüência boa, abrindo-nos os olhos à razão.

O bem, tendo como base estrutural o amor, é a força propulsora do Universo por excelência. O mal, não sendo obra de Deus, tem apenas existência efêmera, já que como a sombra, que desaparece com a presença da luz, o mal se extingue com o advento do esclarecimento, que, alterando o modo de pensar, faz que o mal praticado alhures seja anulado pelo bem que praticamos agora: o bem de hoje destrói o mal do passado.

Em um planeta de expiação e prova como a Terra, a existência do mal é ainda uma necessidade, que se extinguirá um dia, quando as consciências dos homens que o habitam houverem assimilado a vera realidade do destino que os aguarda, bem como a finalidade da existência outorgada pelo Criador às suas criaturas. O mal é, assim, a conseqüência dos pensamentos de uma consciência sem esclarecimento, como a sombra o é, de um local privado de luz.

O que resulta desta situação temporária das consciências não esclarecidas, quando atingidas pela dor é, geralmente, o nascimento da revolta, da inconformação e into-lerância. Nesses estados, quando são inúteis todos os recursos para despertá-las, resta apenas como solução o sofrimento; sofrimento representado por um número infinito de variantes, por infinitas nuanças, muita vez interpretados como castigo de Deus. Entretanto, o Supremo Pai não castiga, não pune nem se vinga, mas simplesmente preside o curso da vida, com o automatismo de suas leis.

Quando quem sofre procura o responsável por sua dor, geralmente o encontra na pessoa do semelhante, a quem culpa por sua desventura, e elege por traidor, agressor ou destruidor de sua paz. Este modo de pensar, porém, embora aparentemente justo, carece de lógica. É ledô engano! As razões dos sofrimentos acham-se indelevelmente inscritas nos refolhos da alma, nos arquivos etéricos da personalidade espiritual. Aí se registra, gravado para a eternidade, o acervo de conquistas do Espírito, de onde se originam todas as conseqüências geradoras da ventura ou desventura de cada um. Vemos, assim, que a primeira e indispensável condição determinante dos

nossos sofrimentos será sempre o endividamento diante da Lei de Justiça: a necessidade de resgate. Por isso, o semelhante que entendemos por agressor é apenas um instrumento, para cumprimento da lei.

Como semelhante atrai semelhante, nosso estado vibratório entrará em sintonia com aqueles que, estando ao nosso alcance, sejam capazes de proporcionar a situação ideal para a concretização dos resgates inadiáveis, uma vez que nosso perispírito contém, em detalhes, o plano diretor dos eventos necessários correspondentes às nossas necessidades de aprendizagem.

Que sentido teria então a vingança? Que proveito nos traria ao progresso espiritual? Ao nos vingarmos não estaríamos nos igualando moralmente ao nosso agressor? No revide não estaríamos dando mostras de nossa incapacidade de superar o ódio que ainda somos capazes de agasalhar? Que outros sentimentos nos compelem à vingança senão o orgulho, a vaidade e o personalismo injusto? Mas estes são sentimentos que devemos destruir. O culto à egolatria se mascara na sociedade mundana com o nome de “amor-próprio”; porém, ele nada mais é que a desculpa para justificarmos a incapacidade de superar uma agressão sofrida.

Eis por que a vingança é um sentimento desarrazoado. Com ela, estaremos destruindo uma grandiosa oportunidade de galgar um degrau, na senda da auto-iluminação. A tolerância, o perdão, a resignação teriam dupla vantagem: mostrar inequivocamente o grau de superioridade já alcançado por nós e o havermos quitado com a Lei de Justiça os gravosos débitos do passado, que nos comprometiam e inferiorizavam, impedindo-nos a ascensão às paragens de luz, quando libertos da vida física.

O Espiritismo, fonte inesgotável de conhecimentos e recursos para libertação das consciências humanas, tem a missão de transferir-nas das trevas da inferioridade e do sofrimento para a resplandecente luz da superioridade espiritual. Mas, como toda ciência, a Doutrina Espírita há que ser estudada e meditada, para ser bem compreendida e aplicada.

O Homem de Bem e a Biodiversidade

VILMA MENDONÇA

Entramos no 3o milênio, quando muitos místicos e profetas de última hora diziam que não chegaríamos.

A chegada do novo século e de um novo milênio estimula-nos algumas reflexões e temos a certeza de que uma das palavras mais faladas no final do 2o milênio foi ecologia. Com o conhecimento dos problemas ambientais, o homem gradativamente se tem conscientizado de que depende de um ambiente saudável para ter uma vida saudável.

“...o ar que respiramos, a água que bebemos e o solo e o mar de onde os alimentos são retirados estão sendo contaminados por substâncias tóxicas. Os recursos minerais se esgotam e a erosão e as pragas causam sérios danos à agricultura. Todos estes fatos agridem a saúde do homem e chegam mesmo a ameaçar sua própria sobrevivência. Precisamos tomar consciência desses problemas e adotar, já, algumas medidas para solucioná-los.”¹

O homem preocupa-se com seu ambiente, constata que embora seja o grande controlador do meio, a Natureza tem-lhe respondido aos ataques com veemência.

“Quando se admite que o homem é um ser independente, com o papel de dominador da natureza, todas as suas ações depredadoras são justificadas. No entanto, quando compreendemos que o homem é um ser integrante da natureza e que a depredação é a degradação da própria sociedade, obrigatoriamente teremos que mudar nosso enfoque sobre a questão.”²

O homem moderno, do alto de sua soberba, é obrigado a curvar-se diante do descontrole que causou nos ecossistemas do Planeta. Afinal, estamos em transição de um mundo de provas e expiação para um mundo de regeneração, o ser humano evolui e se conscientiza de que deve viver em harmonia não só com outros homens, mas também com o planeta que lhe serve de escola, ou seja, com tudo que há na terra: água, solo, ar, plantas, animais, etc.

“O homem, infelizmente, vem saqueando e agredindo a natureza, poluindo e exterminando seres vivos e recursos naturais. Por isso, a ecologia pode ser considerada a ciência da sobrevivência. Na visão ecológica, o homem é despojado de sua posição de centro do universo para ser apenas uma espécie entre tantas outras; mas, como animal racional, tem a obrigação de reconhecer os danos praticados e restabelecer o equilíbrio abalado da natureza.”³

Como o progresso não pode ser detido, inúmeras criaturas já se esforçam para conviver com o ambiente, deixando de lado o orgulho de ser o suposto senhor das decisões no Planeta. Hoje, o homem se vê pequeno diante das enchentes, desertificações, chuvas ácidas, incêndios que duram dias em florestas, buracos na camada de ozônio, extinção de espécies, etc. Toda a sua “inteligência” e tecnologia não consegue livrá-lo das reações da Natureza resultante de suas ações.

Houve uma evolução intelectual muito grande nos últimos séculos: em 1450 Gutenberg inventa a imprensa; em 1510 Copérnico apresenta os princípios do heliocentrismo; em 1590 Zacharias Janssen fabrica o microscópio; em 1601, funda-se, em Roma, a primeira sociedade científica; em 1608 Galileu constrói um telescópio; em 1862 Louis Pasteur derrota a teoria da geração espontânea; em 1866 Mendel descobre as leis da hereditariedade; em 1876 Graham Bell inventa o telefone; em 1894 Guglielmo Marconi inventa e constrói o primeiro rádio; em 1944 Howard Aiken constrói o primeiro computador; em 1969 Armstrong é o primeiro homem a pisar na Lua; em 1997 nasce Dolly, o primeiro clone de um mamífero adulto, etc.⁴

Hoje é preciso mudar a ideologia do progresso irracional e devastador. Fala-se no desenvolvimento sustentável, que conserva, preserva, cuida da Natureza, usando-a com respeito e cuidados.

“Sonhamos com um mundo ainda por vir, aonde não vamos mais precisar de aparelhos eletrônicos com seres virtuais para superar nossa solidão e realizar nossa essência humana de cuidado e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, cuidado com as plantas, os animais, as paisagens queridas e especialmente cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra.”⁵

Aos poucos o homem deste novo século e milênio conscientiza-se de que seu corpo, morada do Espírito, é o primeiro ambiente que ele habita, tendo então que cuidar dele para ter um estágio, o mais saudável possível, enquanto necessitar desse ambiente para evoluir. Muitos já cuidam de seus corpos, alimentando-se com moderação e qualidade, abstendo-se de degradá-lo com nicotina, álcool ou excesso de glicídios (açúcares) e lipídios (gorduras).

Buscando esse ambiente saudável, que não se traduz só em reflorestar, despoluir águas e reproduzir espécies em extinção no cativeiro, o homem se dá conta de que a violência, o preconceito, o analfabetismo e a fome também são problemas ambientais, ou seja, desequilíbrios ambientais – desarmonia no ambiente que prejudica o

meio e/ou os seres vivos que com ele interagem.

Conclui-se que a família, o templo religioso, o local de trabalho, o bairro, o estado, o país, o mundo são ambientes ou ecossistemas dos quais o homem faz parte, participa, interage. Que a sua ação ou inação influi, participa dos resultados de sucesso ou insucesso de cada um desses ambientes que formam a chamada Biosfera (esfera de vida).

O ser que busca a harmonia interna e externa e quer ser um homem de bem não pode isentar-se da responsabilidade de cuidar da Terra; afinal Deus nos emprestou tudo isso (corpo físico, água, ar, animais, plantas, etc.) para que fizéssemos bom uso e não para destruí-los. Existe a Lei de Destruição⁶ e Jesus disse que o escândalo é necessário, mas aí daquele por quem venha o escândalo⁷.

A biodiversidade (diversidade, variedade de vida ou espécies) que existe nos ambientes, nos mostra a complexidade que são as teias de vida dos seres vivos, a ligação de dependência de uns com os outros e a rapidez da destruição, confrontada com a lentidão da recuperação. Lembrando-nos de todos os ambientes, precisamos considerar que se levamos muito tempo destruindo, precisaremos de muito mais tempo para reconstruir.

A elevação da consciência moral levará o homem a respeitar sua vida, seu meio e tudo que vive e convive com ele no planeta Terra.

Embora tenhamos passado anos, séculos destruindo, começamos a reconstruir todos os ambientes do primeiro (corpo) ao último (Universo) e por isso já podemos ver resultados positivos das nossas ações para buscar o equilíbrio ambiental: os cuidados com o corpo, a reestruturação das famílias, as comunidades de bairros, as associações contra a fome, contra os preconceitos e a violência, mais leis ambientais sendo cumpridas, a preocupação de pessoas, grupos e países com o ambiente, informações e divulgação sobre a importância do ambiente como um todo; por exemplo: campanhas de preservação na mídia, criação do Direito Ambiental, criação do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente), etc.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*⁸ temos as características do Homem de Bem, que independentemente da religião que se siga são características dos Cristãos (seguidores de Jesus), e lá se encontra escrito que: “O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem.” E mais adiante: “Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.”

Para sermos Homens de Bem não bastará cuidarmos da *biodiversidade verde* do Planeta, será preciso cuidar da biodiversidade humana, mudando e criando hábitos saudáveis nas relações do homem com outros homens e do homem com o ambiente verde. Aí sim, respeitando os nossos semelhantes e os outros seres que habitam conosco a biosfera terrestre, seremos efetivamente Homens de Bem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ VASCONCELLOS, José Luiz e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *Programas de Saúde*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

² NETO, Salvador Hernandez Esteves. *Saúde: Visão Ecológica e Contribuição Espírita*. In PAIVA, Maria Eny Rossetini (org.), *Sobreviver*. Lins (SP): Edição do Albergue Noturno Humberto de Campos, 1990.

³ PAULINO, Wilson Roberto. *Ecologia Atual*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

⁴ Help! *Ciência e Tecnologia* (O Globo) – 1996.

⁵ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

⁶ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Ed. FEB, Rio de Janeiro: 1987.

⁷ *O Novo Testamento (Os Gideões Internacionais –1979)* – Mateus, cap. 18, v. 7.

⁸ KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Ed. FEB, Rio de Janeiro: 2000, cap. XVII, item 3..



Referências bibliográficas

Solicitamos aos nossos distintos colaboradores, cujos artigos valorizam as páginas de *Reformador*, o obséquio de, nas citações e transcrições de textos de terceiros, citarem a respectiva fonte, fazendo a devida remissão no rodapé da página ou no final do artigo. A título de subsídio, transcrevemos as Referências bibliográficas do artigo de Geraldo Campetti Sobrinho – *Não esqueça as fontes* – , publicado em *Reformador* de novembro de 1998, p. 340-341.

A referência bibliográfica é um conjunto de elementos que permitem a identificação, no todo ou em parte, de documentos impressos ou registrados em diversos tipos de material.

Quando a citação de uma obra é realizada pela primeira vez, a sua referência bibliográfica deve ser completa.

Ex.: PEREIRA, Yvonne A. *A voz do Consolador*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

As iniciais das palavras que compõem o título devem ser maiúsculas apenas quanto a primeira letra da primeira palavra e dos nomes próprios.

A referência bibliográfica de uma obra mediúnica é feita assim:

XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz: história da civilização à luz do Espiritismo*. Ditada pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994.

Cabe aqui uma explicação. Qualquer informação incluída em uma referência bibliográfica não extraída da folha de rosto, que se constitui no principal elemento de informações para a referência, deve ser citada entre colchetes. Portanto, para os livros editados pela FEB que não trazem o local de publicação “Rio de Janeiro”, mas apenas “Rio”, é necessário que se anote assim: Rio [de Janeiro]. Os lançamentos da editora e reedições já estão trazendo a catalogação na fonte, incluindo o local por completo. Em tais casos, dispensam-se os colchetes.

Sugerimos que a entrada da referência seja feita pelo médium para efeito de simplificação e cite-se, posteriormente, “pelo Espírito tal”.

A expressão latina *Opus citatum* (obra citada), na forma abreviada *Op. cit.*, será incluída após o nome do autor sempre que uma obra for citada mais de uma vez, desde que não haja intercalações de outras publicações do mesmo autor.

Para obras diferentes de um mesmo autor já referenciado em nota imediatamente anterior, usa-se o termo latino *Id.* (mesmo autor), de forma abreviada, seguido do título e demais elementos da referência.

Ex.: *Id. Religião dos Espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio [de Janeiro]: FEB, 1993, p. 29.

Quando se vai citar novamente a mesma obra do mesmo autor e sendo esta citação imediatamente posterior, na mesma página ou em página não distante, emprega-se a expressão latina *Id. Ibid.* (mesmo autor e mesma obra), na forma abreviada.

Ex.: Na mesma página: *Id. Ibid.*; em página diferente da citada: *Id. Ibid.*, p. 195.

É importante ainda saber que a referência bibliográfica pode aparecer em nota de rodapé ou de fim de texto. •

Sessão e não cessão

IOPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

A Doutrina Espírita nem sempre é bem compreendida, seja pelos que a combatem, velada ou ostensivamente, seja por aqueles que apenas a conhecem superficialmente, ou, ainda, até mesmo por determinados adeptos que nela militam.

O ditado “Fulano entrou no Espiritismo, mas o Espiritismo não entrou nele”, tão vulgarizado nos círculos espiritistas, funciona maravilhosamente, por adaptar-se a certos profíctos que pretendem fazer da Doutrina dos Espíritos o que bem entendem, buscando antes a satisfação de seus gostos e interesses que mesmo a concretização, em si mesmos, do sentido e objetivo dos postulados doutrinário-evangélicos de que deveremos fazer-nos intérpretes.

Não existe doutrina, sociedade, país, partido, sistema político-social ou socioeconômico que logre subsistir sem a força vigorosa e estabilizadora da disciplina.

Criatura desorganizada, sinal de perturbação.
Sociedade sem ordem, prenúncio de balbúrdia.

Semelhantes considerações nos acodem à mente a propósito de um caso ocorrido quando eclodiu, em nosso País, antes ainda da Revolução de 31 de março de 1964, um movimento militar com implicações políticas. Na ocasião, muita gente ficou entusiasmada, inclusive alguns “confrades”, aderindo e pleiteando adesões. (Referimo-nos ao fato, mesmo assim por alto, apenas para justificar o título e o escopo do nosso trabalho, sem a pressuposição ou preocupação de qualquer outro intuito.)

Em conseqüência desse acontecimento, deu-se outro, surpreendente e triste: certas Sociedades que se diziam espíritas (se-lo-iam mesmo?), foram sumariamente fechadas pelo fato de terem cedido suas sedes para reuniões de caráter político.

Agindo assim, com essa indisciplinada, contraditória e inconveniente atitude, os dirigentes das mesmas confundiram duas ordens de coisas completamente distintas entre si, misturando o Cristo com Mamom, numa patente demonstração de incoerência e insensatez, ante a cristalinidade e singeleza dos ensinamentos espíritas.

Naturalmente teriam esquecido que Centro Espírita é local apropriado apenas a sessões de estudos científico-filosófico-evangélicos, onde entramos em contato com as coisas que nos prendem a Deus, aprendendo como nos libertarmos de nós mesmos, e jamais pontos de reuniões de fundo político, que nos agrilhoam a interesses e ambições, por vezes inconfessáveis, e cuja tônica, via de regra, é a predominância de paixões desordenadas.

É justo respeitemos partidos e movimentos enquadrados no sentido de brasilidade e compreendamos os anseios de seus aficcionados; é imprescindível cumpramos, com patriotismo, o dever cívico do voto, e é até mesmo muito natural que nos candidatemos a cargos eletivos, junto às Câmaras Municipais, Assembléias Legislativas e ao próprio Parlamento Nacional; mas o que não podemos e não devemos fazer é transformar as Casas Espíritas, de tão grandiosas finalidades, em bases eleitorais, pois semelhante conduta é atentatória ao excelente conceito de que desfruta o Espiritismo nos domínios da opinião pública.

Faz-se indispensável atentemos bem na diferença marcante que há entre sessão e cessão, sessão no Centro e cessão do Centro, para que possamos entender com justeza o que significa sessão e cessão, discernindo claramente uma coisa da outra, porque, enquanto a primeira contribui decisivamente para a nossa libertação e aprimoramento, a segunda nos arrasta ao cultivo dos caprichos e voluntariedades, grilhões que nos algemam ao lodo da Terra, à lama dos apetites, ao pântano dos interesses subalternos e imediatistas.

Mobilizemos, assim, todas as nossas forças e energias, na área das convicções que esposamos, sempre com elevação de propósitos e sentimentos, fazendo sentir aos nossos concidadãos, indistintamente, representantes dos poderes públicos ou não, que a Doutrina Espírita – efetivamente – se impõe ao respeito e admiração de todos, por tudo quanto somos e fazemos nela e pelo que ela faz em nós e para os outros, mediante a projeção dos seus ensinamentos em nossa própria vida, que nos fazem crescer de dentro para fora à medida que nos retraímos do exterior para o interior, na justa medida dos valores do espírito.

•

“Observai os lírios do campo”

FRANCISCO CAJAZEIRAS

Somos todos passageiros do veículo da evolução, utilizando-nos da instrumentália da nave terrena que viabiliza os recursos de que necessitamos para o nosso treinamento anímico. Para tanto recebemos o *kit* corporal, composto de todo o material para a vida na dimensão física.

Porém, no atual *estadiamento* em que se encontra a Humanidade, como decorrência das andanças inumeráveis a que já nos expusemos e especialmente porque temos percorrido a escalada do progresso espiritual, invariavelmente atrelado à matéria mais densificada, é muito forte a nossa identificação com essa mesma matéria e a nossa atração por ela.

Aliás, mesmo quando retornamos à dimensão dita “espiritual” aqui na Terra, ainda assim somos transferidos para planos materiais, ou, como queiram, semimateriais, o que implica uma gradação fluídica que, ao ser comparada à do corpo planetário, é bastante sutil conquanto ainda seja matéria.

O fato é que grande parte das pessoas se considera unicamente corpo somático e aplica todos os seus recursos para a manutenção do prazer corporal, fixando sua idéia e consumindo toda a sua energia para a execução desse ideal: saúde física, modelagem corporal, manutenção da vida somática.

Busca-se sofregamente ampliar os bens terrenos e desviar a própria atenção com exclusividade para a faceta humana da sua consideração: o imóvel, o carro, a roupa, o dinheiro...

Até as religiões que, em número, crescem de forma vertiginosa, prometem, no comum (e indevidamente), a solução para todos os problemas daquele que se lhes submete: afetivos, familiares, sociais, de emprego, relativos à aquisição de riquezas etc...

E por orientar-se, especialmente, para tal posição, quando não consegue ver esses seus problemas solucionados, deprime-se e torna-se amargurado o indivíduo.

É indiscutível a necessidade de certos bens materiais para que sejam asseguradas as mínimas condições para uma vida digna e produtiva. Porém, preciso é entender que somos muito exigentes quanto a essas supostas necessidades e freqüentemente ocupamos demais a nossa atenção na ânsia de possuímos cada vez mais, esquecendo-nos que via de regra somos mesmo é possuídos pela posse, permitimo-nos escravizar por *Mamon*.

Jesus, em sua fabulosa sabedoria, deixou-nos singular e belo ensinamento inserido no denominado Sermão do Monte:

“Não andeis ansiosos pela vossa vida quanto ao que haveis de comer ou beber; nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais que o alimento e o corpo mais que o vestuário? (...)

Observai como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem fiam.

Eu porém vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como qualquer um deles.

Se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? (...).

Portanto não andeis ansiosos pelo dia de amanhã, pois o amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu próprio mal.” (Mateus, 6:25-34.)

Essa magnífica e bela passagem evangélica não deve naturalmente ser observada de modo literalista, posto que assim veríamos abolido qualquer esforço no sentido da automanutenção, o que sem dúvida viria a redundar em retumbante desastre.

O trabalho é uma das leis naturais de que nos falam os Espíritos Reveladores no Terceiro Livro da obra primeira da Codificação Kardequiana: *O Livro dos Espíritos*.

É exatamente pela realização dessa atividade mantenedora da sobrevivência do ser que o Espírito vai desenvolvendo a sua capacidade intelectual e de discernimento, bem como cumprindo a sua parte no desenvolvimento da obra da Criação.

Como se vê não é possível nos atermos à letra do ensinamento, mas extrairmos a mensagem de que é detentor.

Aqui, vemos Jesus, de forma didática e em consonância com a capacidade interpretativa de sua época, lembrar-nos da impropriedade de nos mantermos apegados à coisa material, assim como também nos fazer refletir e compreender a ação da Providência Divina em nossas vidas.

O Criador a ninguém desampara. Estejamos em qualquer lugar, façamos o que fizermos, digamos o que dissermos, Deus nunca nos faltará e sempre nos proverá das melhores possibilidades, a fim de nos permitir agir invariavelmente da melhor forma e sempre com o desiderato no Bem. Para tanto, contamos com a nossa consciência, falando-nos

pela via intuitiva; contamos com os familiares e amigos (encarnados e desencarnados) que se fazem consciente ou inconscientemente mensageiros da Divindade, alertando-nos para os perigos, dirigindo-nos a atenção para as melhores soluções e pondo ao nosso dispor as mais diversas situações capazes de facilitar o nosso melhor desempenho.

Se a Natureza é tratada com indiscutível amor, por que ocorreria o oposto conosco, também criação divina?

O grande problema é que repetidas vezes fazemo-nos surdos aos clamores naturais, cegos à luz da lógica e do bom senso, impermeáveis à ação do orvalho ameno que se faz em nossas existências. Essas limitações que nos impedem de perceber a ação magnânima do Criador, através do que se passou a chamar de Providência Divina, são uma decorrência da descrença, da ambição, da inveja, do egoísmo, do inconformismo e de outras tantas mazelas que nos amarguram a existência terrena.

Indispensável, pois, a adoção de uma postura mais humilde ante a vida, do desenvolvimento da fé pela razão, do conhecimento capaz de iluminar as consciências.

Nesse sentido, muito poderá beneficiar-nos o estudo continuado da Doutrina dos Espíritos, capaz de oferecer-nos os recursos de que carecemos para esse despertar para as coisas do Espírito.

Deus está conosco! É bastante atentarmos para a observação do Mestre de Nazaré:

“Observai os lírios do campo... Eles não trabalham nem fiam...”

•

Ser Juiz

MÁRIO FRIGÉRI

Ser Juiz, bom Juiz, é empolgar a Ciência
Do Direito e aplicá-la atendendo a seu fim;
É avocar a Justiça e julgar sempre assim:
Sob o império da lei e da reta consciência.

Ser Juiz, bom Juiz, é ter vasta experiência
E a sabença da vida e dos homens, enfim,
Sem jamais se isolar em torreões de marfim
Nem furtar-se ao crisol da humildade e indulgência.

“Combati o bom combate, encerrei a carreira, guardei a fé; espero, agora, a coroa da justiça que o Senhor, reto Juiz, me dará naquele dia (...).” Paulo (II Tim. 4:7-8.)

Ser Juiz, bom Juiz, é imbricar Fé e Razão,
Escalando o intelecto (Everest fecundo
Do Saber), geminado a um gentil coração;

E, de joelhos, cingir, no apogeu da subida,
– Quando o inverno o laurear com a coroa
do mundo –,

Do Supremo Juiz, a Coroa da Vida!

O Espiritismo em Cuba

A história desconhecida de um país onde o Movimento Espírita
foi muito atuante

WASHINGTON L. N. FERNANDES

O Espiritismo completará seu sesquicentenário (150 anos) em 2007, e precisamos conhecer suas raízes e desenvolvimento em todos os lugares. Por isso, vale a pena saber seu histórico num lugar em que pouco se conhece sobre ele, mas que um dia

foi um dos mais destacados e atuantes do Movimento Espírita internacional. Trata-se de Cuba, 111.000km², 11 milhões de habitantes, atualmente com taxa de analfabetismo de 4%, país sem religião oficial, e que foi uma colônia espanhola até 1898, passando por curta dominação americana até 1902, quando o país se tornou independente; mas os EUA continuaram por muitos anos a exercer constante influência política na Ilha. Em 1959, através de um golpe, assumiu o governo Manuel Urtia, continuando a instabilidade no país, e em seguida Fidel Castro (1927-) assumiu o governo, com o apoio comunista da URSS, acabando com todos os movimentos religiosos do país, e levando à dissolução da Confederação Nacional Espírita de Cuba e de todo o Movimento Espírita oficial, em 1963. Mas antes deste fator político, o país foi um dos mais ativos que existiram em todo o mundo na adoção e prática do Espiritismo.

Este fato extraímos do registro de um grande trabalhador que lá viveu mais de cinqüenta anos, o Sr. Luís Guerrero Ovalle (1895-1990), que nasceu em Léon, Espanha, e em 1906 se transferiu com a família para a Argentina, onde estudou e seu pai trabalhou como notário público. Em 1909 ele se mudou para Cuba, continuando os estudos e passando a trabalhar na área bancária, tendo sido administrador de vários bancos neste país, onde residiu até 1960, quando se transferiu para Miami/EUA. Aos 21 anos, plenamente adaptado à cultura cubana, ingressou no Movimento Espírita, pois começou a ler e estudar *O Livro dos Espíritos*, quando sua mãe desencarnou. Exerceu cargos em várias instituições espíritas, colaborou em muitos periódicos e traduziu ao espanhol obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), Divaldo Franco (1927-), Yvonne A. Pereira (1900-1984) e outros. Nos Estados Unidos, o Sr. Ovalle foi fundador da Ciência Espiritualista Kardeciana e graças a ele pudemos tomar apontamentos da história do Espiritismo em Cuba, conforme está publicado no periódico *Credo Espírita*, fundado em 1981, e editado pela Libreria Kardec (Ano IV, Num 2, Miami, março de 1985 e ss.).

As fases da história espírita no país

Inicialmente, há notícias de que no período colonial os índios Taínos e Siboneyes tinham o hábito de produzir vários fenômenos espíritas, mas a partir de 1856 é que começaram a surgir os primeiros núcleos mediúnicos nas cidades de Havana, Sagua La Grande, Sancti Spiritus, Manzanillo, Caibarien e Santiago. A partir de 1870 começaram a se constituir um grande número de periódicos espíritas, como *La Luz de Ultratumba* (1874), *La Ilustración* (1878), *Luz de los Espacios* (1881), *La Antorcha de los Espíritus* (1882), *El Buen Desejo* (1884), *La Luz del Evangelho* (1885), *La Buena Nueva* (1886), *La Alborada* (1888), *La Nueva Alianza*, de Cienfuegos. As instituições se estruturaram e, em trinta anos, por ocasião do Primeiro Congresso Internacional Espírita, em 1888, em Barcelona, três cubanos estiveram presentes e cinco instituições se fizeram representar: *Centro La Reencarnación*, Havana, *Centro El Salvador*, de Sagua La Grande, *Sociedad Espiritista*, de Matanzas, *Centro Lazo Unión*, de Cienfuegos, *Centro San Pablo de Malpáez*, Quemado de Güines. Para dar-nos um referencial, desconsiderando a Espanha, país-sede do Congresso, e a França, berço do Espiritismo, Cuba foi o país que teve maior representação no evento, juntamente com o México, pois quase todos tiveram só uma entidade representante, dois países tiveram dois grupos, a Bélgica teve somente quatro. A admiração pelos cubanos aumenta se compararmos o número de periódicos espíritas que enviaram adesão a este primeiro encontro internacional pois, novamente desconsiderando a França e a Espanha (países dos quais somente quatro e nove periódicos aderiram, respectivamente), Cuba foi também o país que mais se fez representar, com três periódicos. Os outros países tiveram somente um ou dois periódicos representados, e só a Itália teve também três. Estes números demonstram que os cubanos eram muito conscientes e atuantes na pró-

pria organização e na divulgação espírita.

Federação Espiritista de Cuba

Em 22/7/1890 foi fundada a *Federación Espiritista de la Isla de Cuba* (Federação Espiritista da Ilha de Cuba), reunindo vinte e três instituições do país, considerando que não puderam participar as instituições de Matanzas e Oriente. O objetivo da Federação estava bem claro no artigo primeiro de seu Regulamento: *A Federação tem por objetivo a união de todos os centros espiritistas de Cuba, para estender a propaganda do Espiritismo por meio da palavra, escrita ou falada, e a prática de toda virtude pública e privada.* A diretoria da Federação denominava-se Conselho Regional, e nos anos seguintes aumentou muito o número de instituições e periódicos no país, a tal ponto que, por ocasião do Primeiro Congresso Nacional Espiritista de Cuba, no Teatro Payret, em 1920, houve 562 Delegados, 113 Centros Espíritas e 336 representações pessoais. Neste Congresso lançaram-se as bases para que, em 1922, fosse criada a Federação Nacional Espiritista da Cuba independente que, em 1941, passou a denominar-se Confederação.

Os cubanos marcaram presença no Congresso Internacional Espírita de Barcelona, em 1934, e em 1935 deram início a uma série nunca vista de Concentrações Espíritas Nacionais, que a partir de 1944 passaram a chamar-se Congressos, tendo se realizado vinte e seis eventos, de 1935 até 1963, o que significa que houve praticamente um por ano, abrangendo vários lugares da Ilha (Santa Clara, Camagüey, Havana, Matanzas, Santiago de Cuba, Villa de Guanajay, Bayamo, Coton e Pilar del Rio). Na 8ª Concentração, em 1942, decidiu-se criar a importante instituição social *Clínica del Alma*, em Camagüey, hospital que objetivava a cura e recuperação de obsidiados, a qual até 1966 exerceu um importante papel para a ajuda aos necessitados, quando por Decreto foi incorporada ao Ministério da Saúde Pública. Destacamos também que Cuba teve vários programas de rádio em Havana, desde 1941, como *O Psiquis* e o *Doutrina Espírita*, na rádio Alvarez.

Importantes trabalhadores espíritas cubanos

Naturalmente, impossível assinalar todos os grandes trabalhadores de Cuba, em face da pujança de seu histórico, com muitos periódicos e sociedades. Os nomes destes valorosos tarefeiros são totalmente desconhecidos dos espíritas de hoje, e por isso fazemos questão de citar alguns: no século XIX, José Martí (1853-1895), líder revolucionário e autonomista da Ilha, que passou por vários países da América Central, EUA e Paris, venerado ainda hoje pela população cubana, por causa de sua atuação em prol da independência do país, e que tinha convicções espíritas; os Srs. José A. Perez Carrión, fundador do periódico *La Ilustración*; o grande conferencista Jose Jimenez Torres, que foi um dos criadores da Federação Espiritista de Cuba, em 1890, a qual teve também a participação de Doroteo Venero, seu primeiro Presidente, Miguel Muñoz, José R. Montalvo e Francisco Castillo Catalina de Güines, todos representando diversas sociedades existentes; Eulogio Prieto, que foi o único sul-americano pertencente às Comissões Organizadoras dos 1º e 2º Congressos Internacionais Espíritas (Barcelona, em 1888, e Paris, em 1889), estando presente nestes eventos com os outros cubanos Don Tomás de Oña e Don Juan Garayo; Miguel Rubert e Santiago Cañizares, fundadores do periódico *La Buena Nueva*, em 1886, o estudioso do tema psiquismo filosófico, José Maria Alfonso; Miguel Chomat, Felix Ríos e José Ferrera, todos líderes de organizações; o Juiz correcional Marcos Garcia. A partir de 1895, o país teve que parar suas atividades espíritas, em face dos conflitos internos para a sua

emancipação, mas em 1902, com a independência de Cuba, lentamente um grupo de idealistas e dez Centros Espíritas foram retomando as atividades doutrinárias. Assim, no século XX, destacamos o livro espírita *La Filosofía Penal de los Espiritistas*, com edições também na Argentina e no Brasil, do escritor, antropólogo e criminologista Fernando Ortiz (1881-1969), que curiosamente se declarava “não-espírita” (!!); Francisco Armenteros, Francisco M. González Quijano (1862-1926), que trabalhou com José Martí, Alberto Peralca, Aquiles Ortega e o escritor Don Salvador Molina, que esteve no Congresso de Barcelona, em 1934, todos da Sociedade Espiritista de Cuba, promotora do 1º Congresso Nacional do país, em 1920, o qual recebeu felicitações até do Instituto de Metapsíquica de Paris; Fidel de Céspedes, Francisco M. Gonzáles, o orador Miguel Santiesteban Barciela (desencarnado em 1979, foi Presidente da Confederação Espiritista de Cuba, desde 1936, e também da CEPA, de 1953 a 1956) e Leopoldo López, que participaram da criação da Federação Espírita da Cuba independente, em 1922; o promotor Manuel Garcia Consuegra, Ramón Garcia Martí, Plácido Julio Gonzalez, diretor do periódico Rosendo, todos que muito trabalharam para a primeira Concentração Espírita, em 1935; o escritor, poliglota e articulista Antônio Soto Paz Basulto (1889-1943); Ramón Garcia Martí e o advogado Armando Labrada Canto, fundador da *Clínica del Alma* e ambos Presidentes das 1ª e 2ª Concentrações Espíritas (1935 e 1936), que teve Hortensia Naranjo de Casas como secretária correspondente; o Sr. Armando foi Presidente também do 20º Congresso; Benito Carballo y Arnau, Presidente da 4ª Concentração, em 1938, que teve o médium Roberto Carmona y Cuesta como secretário e Ernesto Prieto Figueroa, como tesoureiro; o médium do Grupo Rosendo Juan Francisco Casanova, onde Carlos Millares era o Presidente; o médium Angel Manuel Balbona y Pedroso, do Grupo Francisco de Paula; Medardo Lafuente Rubio (?-1939), do núcleo de Camagüey, homenageado pelas sociedades da cidade pelo seu incansável labor espírita; na 6ª Concentração Espírita, em 1940, o Sr. Luís Ovalle fez parte da Comissão Organizadora, e destacamos neste tempo o profícuo trabalho da União das Mulheres Espíritas, em Havana e Matanzas, tendo como Secretária-Geral Ofélia Dominguez, servindo de modelo para criação da Federação Argentina de Mulheres Espíritas, em 1950, pela Sra. Josefina de Rinaldi (1909-1952); em 1946, no 12º Encontro, publicou-se um livro com um histórico de todas as Concentrações cubanas; no 14º Congresso, em 1948, comemorou-se o Centenário do Espiritismo, no Salon del Círculo de Bellas Artes e palestra do orador Dr. Ignacio Travieso Figueras, celebrando o feito das Irmãs Fox, nos EUA; no 20º Congresso, em 1955, enviou representação o Governador de Camagüey, e o chefe do Regimento Militar, com a presença da Banda Municipal da cidade. Em 1957, houve uma grande comemoração pelos cem anos do lançamento de *O Livro dos Espíritos*, ocasião em que a Federação Espírita Brasileira e La Editorial Constancia, da Argentina, venderam exemplares deste livro aos cubanos por preço ínfimo. A Sra. Eva Guevara Arias, ativa trabalhadora da Federação Provincial do Oriente, até 1963, ano em que se celebrou um Congresso Espiritista Extraordinário, em Regla, Havana, o qual dissolveu a Confederação Espiritista, em face da situação política da Ilha.

Conclusão

Devemos registrar que foi aprovada no Congresso de 1920 uma moção pela qual se estabeleceu o dia 31 de março como o Dia Espírita, por iniciativa do Centro Espírita Luy y Caballero; em outubro de 1953, realizou-se o Terceiro Congresso Espiritista Panamericano, em Havana; em 21/4/1957 foi erigido em praça pública o busto de Allan Kardec, também em Havana, por iniciativa da Associação Espiritista Enrique Carbonell, mas com a revolução comunista o mesmo foi retirado da praça. O Sr. Dante Culzoni Soriano, Presidente da CEPA, enviou carta ao Presidente de Cuba, em 1972,

protestando contra a retirada do busto de Allan Kardec da praça e pedindo sua reinstalação, mas não obteve resposta. Uma pessoa, o Sr. Alfredo Duran, em Havana, teria conseguido recuperar esta peça, a qual teria ficado em sua posse. Com dificuldade, conseguimos localizá-lo por telefone em Havana, e ele confirmou a história, informando que o busto se encontra em sua residência, guardado com veneração. Tendo em vista uma reportagem saída na *Revista Internacional de Espiritismo*, que falava sobre Cuba, contatamos por telefone Clóvis Portes, brasileiro, residente em Belo Horizonte e Ipatinga/MG, que informou que nas oito vezes em que esteve em Cuba, nos últimos dez anos, ele lá encontrou discretas sociedades espíritas, não oficiais, muitas praticando um tipo de mediunismo caribenho, e nestas viagens ele vem tentando levar uma vivência do Espiritismo fiel aos princípios de Allan Kardec.

Enfim, pela precocidade com que o Espiritismo surgiu em Cuba, em 1856, antes do próprio advento da Codificação, pelo número de sociedades e periódicos espíritas nos séculos XIX e XX, que o colocam como um dos primeiros em nível internacional; pelas incomparáveis realizações no tocante a Congressos e Concentrações Espíritas, coisa nunca vista em nenhum país do mundo; por estabelecer por moção, em 1920, o dia 31 de março como o Dia Espírita, o que só depois de décadas algumas cidades começaram a fazê-lo; por ter erigido na Capital um busto de Allan Kardec em praça pública, em 1957; pelos programas espíritas de rádio na década de 1940; por movimentar até as autoridades civis e militares em seus eventos, da Europa e América, por estes motivos Cuba possui uma grande riqueza histórica a ser descoberta e relatada. Contatos estão sendo estabelecidos com Clóvis Portes e o Sr. Alfredo Duran para se tentar levar oficialmente grandes oradores espíritas brasileiros a Cuba, ajudando a plantar as sementes para o ressurgimento dos ideais espíritas nesta Ilha, cujo histórico, apesar de desconhecido hoje, muito dignifica a Doutrina Espírita...

-

A visita da Luz

PAULO NUNES BATISTA

Eu me visito na Manhã nascida
e me visto de Luz num grande Abraço.
Agora é Deus Quem faz o que me faço
na glória ascensional dessa Subida!

Oh como é belo o mundo e linda a vida
da Música divina no compasso.
Na água, na terra, no ar, por todo o espaço
ressoa uma aleluia colorida.

Digo-me coisas que ninguém me disse
na asa da luminosa garridice
com que transporto o céu para o meu chão.

E no bailar sutil das puras Almas
ouço de Deus as generosas palmas
no hosana que me enfeita o coração.

A FEB E O ESPERANTO

Pronunciamento no
87^o Congresso Universal de Esperanto

AFFONSO SOARES

Do General Alberto Mendes Cardoso, Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e Presidente de Honra do 87º Congresso Universal de Esperanto, realizado em Fortaleza (CE), de 3 a 10 de agosto de 2002.

Convém ressaltar que o General Alberto Cardoso leu sua mensagem, em perfeito Esperanto, na Sessão Solene de Abertura:

“Caros esperantistas,

No Brasil, quando pensamos na vastidão do nosso território costumamos dizer como somos abençoados, porque os brasileiros não têm problemas lingüísticos. Exce- tuando-se as pequenas comunidades indígenas, todos falam uma só língua. Essa uni- dade lingüística mui- to nos orgulha no país.

Porém, agora, vendo este imponente e grandioso evento, quando muitas pesso- as chegam das mais diversas partes do mundo, de países das mais diferentes línguas, encontram-se e, com toda a naturalidade, compreendem-se, uns aos outros, isso per- mite que meu sentimento de amor à Pátria imagine mentalmente: ‘O mundo tornou-se o Brasil e o Brasil fez-se o mundo, graças ao verdadeiro milagre que é a unidade lingüís- tica do Esperanto!’

E, neste momento, pergunto:

– Eu me sinto um brasileiro do mundo ou um cidadão do mundo brasileiro?

Caros congressistas!

Eu sou o Presidente de Honra do 87º Congresso Mundial de Esperanto, e este convite muito me honrou. Desejo a todos uma boa estada no Brasil. Que o Congresso seja proveitoso e entusiasme muitos homens do nosso país a aprenderem a língua internacional. Além disso, desejo que a realidade que vocês vivenciam agora seja em breve também vivenciada por todos os cidadãos do mundo. Que a luta de vocês não seja apenas lingüística, mas que a paz seja a ordem do dia de todos!

Paz e compreensão a todos vocês – são os nossos sinceros desejos.

Obrigado!”

...

Do Sr. John Daniel, Diretor Geral Assistente para Assuntos de Educação, da UNESCO:

“Sinto-me honrado em dirigir minha saudação aos participantes do 87º Con- gresso Universal de Esperanto, em Fortaleza, Brasil.

A UNESCO dá especial importância ao incremento de uma cultura de paz entre os povos. Estamos convencidos de que somente por meio de uma boa compreensão, tanto dos povos entre si, como dos diferentes aspectos da cultura de cada um, se po- derá contribuir para esse objetivo. A UNESCO agradece à Associação Universal de Esperanto por sua fidelidade à expressão dos ideais de nossa Organização em suas diversas iniciativas pelo mundo.

Não é possível conceber uma melhor intercompreensão dos povos sem o inter- câmbio cultural que se realiza por meio da linguagem. A língua é, ao mesmo tempo, garantia de uma história cultural e instrumento de comunicação que possibilita a apro- ximação das culturas entre si, o erguimento de pontes entre os diferentes modos de pensamento, com que se atinja um enriquecimento recíproco, lingüístico e espiritual, como via de acesso a uma cultura de paz. A partir da conscientização sobre diferenças lingüísticas chega-se à conscientização sobre a diversidade de culturas, pela qual se dá a sua aceitação.

O trabalho da UNESCO em favor da educação, da intercomunicação e da cultu-

ra objetiva tanto a sustentação da multiplicidade de línguas como a proteção dessa diversidade lingüística no atual contexto globalizante. Entretanto, a valorização dessa diversidade não deve servir de pretexto a qualquer violência. Nossa organização, muito pelo contrário, vê tal valorização tão-somente como forma de tolerância e enriquecimento espiritual na luta contra os conflitos. E nisso reside a ligação entre a posição lingüística de cada uma de nossas organizações, as quais evidentemente visam ao mesmo objetivo no mundo, isto é, a uma melhor intercompreensão e a um melhor conhecimento recíproco entre as civilizações.

Formulo votos de pleno sucesso ao vosso congresso.”

...

Além dessas relevantes manifestações, também destacamos as seguintes:

- *Trecho da Resolução do 87º Congresso Universal de Esperanto:*

“O 87º Congresso Universal de Esperanto, reunido em Fortaleza, Brasil, de 3 a 10 de agosto de 2002, com a presença de 1.484 participantes de 58 países, sob o tema ‘Diversidade – oportunidade e não uma ameaça’,

.....
CONSTATA que os princípios e objetivos da UNESCO, nesse campo, correspondem aos ideais do movimento em favor do Esperanto, movimento que visa, por meio de um instrumento neutro de comunicação, lançar pontes entre as culturas, assim criando um fórum em que se estabeleça eqüitativo intercâmbio de valores culturais;”

- *Trecho da mensagem do Diretor do Departamento de Esperanto da Federação Espírita Brasileira, dirigida aos espíritas reunidos em sessão especial no quadro das atividades do Congresso:*

“(...) com a formação de uma crescente família espírita mundial, atingimos nova fase da divulgação do Esperanto em nosso Movimento Espírita. A primeira foi a conscientização dos espíritas brasileiros sobre o valor do Esperanto. Seguiu-se a divulgação do Espiritismo entre os esperantistas. Agora, devemos construir a consciência, entre os membros dessa família espírita mundial, de que o Esperanto deve ser a língua comum para suas relações internacionais. O Congresso Espírita em Paris, em 2004, poderá constituir-se em belo marco no desenvolvimento dessa nova fase, desde que os espíritas brasileiros que nele vão participar levem o Esperanto como bagagem, como instrumento de serviço. Mas levem um Esperanto fluente, que possibilite a realização de trabalhos convincentes entre nossos confrades de outras terras. Há bons cursos no Brasil, excelente material didático, e até 2004 os espíritas brasileiros que irão a Paris podem tomar a plena posse do Esperanto desde já.”.

●

Cursos de Esperanto na FEB

Sede Seccional – Rio de Janeiro (RJ)

Terão início na primeira semana de março os seguintes cursos gratuitos da Língua Internacional Neutra:

Elementar: às quartas-feiras, no horário de 15h45 às 17h, a cargo de Elmir dos Santos Lima;

Aperfeiçoamento: às sextas-feiras, no horário de 17h às 19h, sob a direção de Arnaldo Ribeiro da Silva;

Estudos Doutrinários em Esperanto: às segundas-feiras, no horário de 15h às 16h30, sob a condução de Affonso Soares.

As inscrições serão acolhidas na Secretaria, na Av. Passos no 30, Centro, durante o horário comercial.

Excelência Espírita

Com profunda lucidez, estabeleceu o Codificador Allan Kardec que a excelência do Espiritismo não se apóia nos fenômenos materiais que produz, mas em sua filosofia, conforme pode-se ler nas Conclusões de *O Livro dos Espíritos*.

Nada obstante o Mestre Lionês haja estabelecido tal grandeza doutrinária, é ainda o fenômeno que grande número dos que se acercam da Doutrina veneranda costuma buscar.

Pouco informados muitos, mal-acostumados, outros, aventureiros tantos, garantem que o que de mais imponente existe na pauta do Consolador é a gama dos fenômenos objetivos. E passam a dar-lhes curso, a divulgar-lhes as proezas, e assim por diante.

Vale recordar, contudo, que, apesar de toda a fenomenologia parapsíquica efetuada por Moisés, conforme enumeram os livros sagrados, isso não foi suficiente para alterar as disposições morais do povo hebreu, desde aqueles remotos tempos até os dias atuais.

Embora a multiplicidade de sensitivos que luxuriaram em todos os quadrantes planetários, isso, igualmente, não correspondeu à renovação do coração humano.

O próprio Senhor de Nazaré realizou fenômenos dos mais expressivos à sua época, sem lograr cativar os daquela ocasião, tampouco sensibiliza a alma dos dias presentes.

Água é convertida em capitoso vinho; corpos chagados pela lepra retornam à limpeza; transforma em caminhantes lépidos antigos ancilosados; dá visão a cegos; audição a surdos; lucidez a obsessos ferozes. Reergueu Lázaro tido por morto, em profundo surto letárgico-cataléptico; refez a saúde de uma mulher que sofria fluxo sanguíneo; despertou da suposta morte o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo, um dos grandes da sinagoga. Nenhum desses feitos foi capaz de converter a alma terrena. Somente a empolgou. Apenas provocou admiração, estupefação... Não passou disso.

Se na atualidade começamos a nos acercar do Divino Amigo, isto se deve às reflexões em torno dos seus ensinamentos e da sua vivência perfeitamente correta.

A Doutrina Espírita, na condição de reeditora do pensamento augusto do Mestre, na interpretação dos nobres Mentores da Humanidade, vive sob a mesma condição.

Médiuns espíritas de grande relevância, que realizaram seriíssimos trabalhos do bojo dos fenômenos espíritas, conseguiram formar grupos de seguidores da sua faculdade, mas não do Cristo, menos ainda da formosa Doutrina.

É por meio das meditações ao redor da filosofia espírita, das análises sobre os milenários questionamentos que ela responde com maturidade e clareza, que o indivíduo inicia a compreensão da sua própria existência, dos problemas do ser, da dor, da reencarnação, enfim.

Chegamos à fase do entendimento da luminosa mensagem. Alcançamos o momento em que não podemos prescindir do uso do discernimento, da análise amadurecida, a fim de aprofundar a consciência quanto aos objetivos da vida humana terrena.

Urge abrir mão das palavras de ordem ou da necessidade sensorial de ver para crer.

Jesus, respondendo à agônica descrença do discípulo Tomé, disse-lhe: “bem-aventurados os que não viram e creram...” Não viram com os olhos físicos, embora tenham compreendido com os recursos da sua lucidez, do seu poder de logicar e de avaliar tudo com bom senso.

Não se trata de menosprezar o fenômeno como imprestável ou desnecessário. Mas, trata-se de entender a proeminência do pensamento, da reflexão, do raciocínio sobre aquilo que é meramente fenomênico. E mesmo quando se tenha que lançar mão de algum fenômeno para o enriquecimento da teoria ou para exemplificação dos tex-

tos, vale a pena cuidar na boa qualidade desse fenômeno, a fim de que o Espiritismo não se veja enxovalhado por fenômenos chulos, inexpressivos, que mais se prestam à zombaria, ao achincalhe do que à confirmação dos seus ensinamentos formidáveis.

Estudar e estudar muito deve ser ocupação dos verdadeiros espíritas, ao lado de tudo o mais que venha enriquecer a pregação espiritista.

Vale refletir que a força do Espiritismo advém da sua filosofia...

Irmanados sob essa expressão de inabordável bom senso de Allan Kardec, verifiquemos cuidadosamente o modo como temos apresentado essa feliz Revelação, trabalhando para expressar da melhor forma possível o pensamento venerando e glorioso da Doutrina Espírita.

Camilo

(Mensagem psicografada pelo médium J. Raul Teixeira na noite de sábado, 9 de novembro de 2002, durante o diálogo de Divaldo Franco com os participantes do CFN, na sede da FEB em Brasília.)

•

Federação Espírita do Distrito Federal

40 anos de unificação e realizações doutrinárias

Inspirados nas diretrizes e recomendações do *Pacto Áureo* – Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro –, firmado em 5 de outubro de 1949 entre a Federação Espírita Brasileira e as Entidades Federativas Estaduais, no qual o Distrito Federal foi considerado como Estado, espíritas idealistas que moravam na recém-fundada Brasília reuniram-se em Assembléia Geral, no dia 1o de dezembro de 1962, como representantes de oito Sociedades Espíritas sediadas no Distrito Federal, e fundaram a União das Sociedades Espíritas do Distrito Federal (USE--DF), da qual passaram a fazer parte, como fundadores: Comunhão Espírita de Brasília, Grupo Espírita Boa Nova, Centro Espírita André Luiz, Centro Espírita Bezerra de Menezes, Centro Espírita Emmanuel, Centro Espírita Alvorada de Luz, Centro Espírita Sebastião, o Mártir, e Centro Espírita Jesus é a Humildade.

A primeira Diretoria da USE--DF foi constituída por Gilson Mendonça Henriques, Presidente, Javert Lacerda Santos, Secretário, e Celso Xavier dos Santos, Tesoureiro. Foram, também, seus presidentes, com mandatos sucessivos ou alternados, Javert Lacerda Santos, Inaldo de Lacerda Lima, Paulo José de Carvalho, José Carlos da Silva Silveira, William Miguel e João de Jesus Moutinho (desde 1987, sendo reeleito em 2002).

Na década de 60, a União passou a denominar-se Federação Espírita do Distrito Federal (FEDF), período em que foi construída sua sede própria na Entrequadra Sul 407/408.

Nos anos 90, em decorrência da ampliação do seu trabalho, a Federação Espírita do Distrito Federal transferiu sua sede para outro local, em Brasília, onde seu Conselho Federativo realiza reuniões ordinárias e onde desenvolve as suas demais atividades, tanto as de caráter doutrinário como assistencial.

Graças ao trabalho da FEDF, ao longo dessas quatro décadas, o Movimento Espírita do Distrito Federal mantém-se unido e operante.

Fonte: Texto redigido com base em dados compilados por nosso colaborador Jorge Hessen.



A Fome

PALMIRO FERREIRA DA COSTA

Não há necessidade de se elaborar profunda pesquisa, nem acuradas análises estatísticas, nem tampouco detalhada avaliação da conjuntura, nacional e internacional, para se deparar com a extensão do grande problema da Humanidade, nos dias atuais, que é a Fome.

Nunca tantos passaram tanta fome. São 840 milhões de pessoas atingidas pela fome, de acordo com o Relatório da ONU. No Brasil, apontam os dados do Ibase, os miseráveis alcançam 54 milhões, uma massa de carentes de alimentação básica, necessária para uma vida digna e plena de direitos humanitários. Decerto, a fome resulta de vários fatores causais e, por outro lado, poderá gerar uma imensa gama de violências, pois violenta a integridade e os direitos do homem.

Em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec na questão 880 indagou qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem. Responderam: Viver. Ora, para viver precisa o homem de abrigo, agasalho, roupa, emprego, lazer, educação, família, e antes de tudo, necessita comer. Dispensa, não obstante, a esmola. Hoje a situação exige uma ação de promoção planejada e estrategicamente conduzida. A ação de promoção requer projetos adequados à transformação da realidade social. Projetos que tenham visão global desta realidade. Mário Barbosa, em seu livro *Planejamento e Serviço Social*, estudando os passos metodológicos, lembra aos planejadores que, antes de tudo, “os planos, programas e projetos devem gerar um sentimento de agradabilidade para as pessoas. Conhecer os valores da comunidade e dos grupos sociais é um passo para assegurar a respeitabilidade dos mesmos. Nenhuma comunidade existe sem valores. Negá-los ou destruí-los é abalar suas condições de auto-realização sociocultural.

Os valores devem informar todo o processo de planejamento, pois isso constitui matéria específica de planejamento. Não se trata tão-só de uma metodologia de planejar, mas uma postura de intervenção planejada, observando as finalidades principais do processo de planejamento, a saber: antecipação de situações previsíveis; predeterminação de acontecimentos; e preservação da lógica entre eventos.

Considerando a especificidade do serviço na Casa Espírita, que funciona como instrumento de intervenção na realidade social-humana-espiritual, o planejamento de atividades levará em conta a proposta da Doutrina Espírita de fazer o homem avançar na direção dos seus valores morais, numa proposta educativa na visão do homem integral. Mário Barbosa aduz, ainda, que “as decisões advindas do processo de planejamento devem estar integradas, a fim de garantir a visão da totalidade dos interesses sociais, os quais vão além da posse e do gozo dos bens materiais, pois em sua essência, no esforço de ser mais, o homem procura outras satisfações, de ordem espiritual, a partir das quais ele continuamente se transcende”.

Nos tempos iniciais do Cristianismo, a Casa do Caminho vivenciou três fases metodológicas nesse campo de atuação. Emmanuel apresenta detalhadamente essas fases em *Paulo e Estêvão* (Ed. FEB). No início, as ações eram assistencialistas, havia uma divisão entre as tarefas assistenciais e doutrinárias. Na 2ª fase a questão doutrinária foi abolida. A tarefa tornou-se mais ainda assistencialista. Por último, Paulo de Tarso, o estrategista dos primeiros tempos do Cristianismo, elaborou um trabalho assistencial de dimensão mais ampla. Estabeleceu um verdadeiro planejamento. Não descurou da análise da situação vigente; definiu metas e objetivos, atento à missão da Casa: formulou e conduziu estratégias de execução; e delineou os recursos aplicáveis.

O plano assistencial enfatizava uma promoção pelo trabalho. Uma das estratégias adotadas era o espaço de convivência através de elementos de serviços que habilitassem a Casa a viver de recursos próprios. Utilizava os que melhoravam e buscava encontrar atividades para quem fosse aproveitável, além dos trabalhos agrícolas, e produzir alguma coisa para a renda indispensável. Porém, cada qual trabalharia de conformidade com as próprias forças, sob a direção dos irmãos mais experimentados.

Diante do exposto, como estruturar as tarefas de promoção integral, contrapondo-se à fome e acolhendo os carentes que batem à porta da Casa Espírita? Em agosto de 1858, Kardec, atento com a questão da esmola e da caridade, expôs na *Revista Espírita* a afirmação de Vicente de Paulo, que os espíritas saberão “discernir aqueles que podem trabalhar, e então a caridade nos obriga tudo fazer para lhes proporcionar trabalho”. Visto que, como proferiu Paulo de Tarso: “onde há trabalho há riqueza, e onde há cooperação há paz”.

•

A Comunicação

ORSON PETER CARRARA

Define-se comunicação como a *ação de comunicar, informar, avisar, dar a conhecer*. Processo necessário ao relacionamento e progresso da Humanidade, foi usado de forma rudimentar nos primórdios da evolução e atinge atualmente patamares inimagináveis no passado. Desde a simplicidade do telégrafo ao rádio até a velocidade da Internet, a comunicação tem papel decisivo na vida humana.

Em dados de 1999¹ havia no Brasil 371 jornais de circulação diária, 38 milhões de domicílios com aparelhos de TV, 215.000 sites na Internet, quase 3.000 emissoras de rádio AM/FM (com 90% dos brasileiros dispendo de acesso ao rádio), um número considerável de revistas semanais ou mensais, 6 emissoras de TV aberta e seus milhares de retransmissoras, entre outros dados na área de informação, que colocam à vista o patrimônio cultural da comunicação.

Quando se usa a expressão *comunicação* no ambiente espírita, pensa-se logo nos variados meios da manifestação mediúnica. É claro que não deixam de ser também comunicação, pois trazem muita informação, instruem, ensinam, educam... Mas a comunicação espírita não se restringe à manifestação dos Espíritos. Ela vai além, com o próprio conteúdo da Codificação, suas obras complementares e a natural continuidade das instruções que chegam do Plano Maior, a exigir nossa atenção, prudência e contínuo estudo.

Isto pede o interesse pelo estudo e divulgação, convidando aos esforços pelo espalhar da mensagem espírita.

Em *O Livro dos Espíritos*², no item VI da Introdução, encontramos o comentário de Kardec sobre o caráter das comunicações com os Espíritos – que podem ser ocultas (pela influência que exercem malgrado nosso) ou ostensivas (pelas variadas formas de manifestações). Já no comentário à resposta da pergunta 973, o Codificador mostra os resultados dessas comunicações, colocando-nos cientes das realidades da vida além da morte. Em outra obra, *O Livro dos Médiuns*² (capítulo X, na 2ª parte), podemos encontrar a classificação das comunicações dos Espíritos, divididas em grosseiras (que chocam a decência), frívolas (levianas), sérias (úteis sob vários aspectos) e instrutivas (que visam a um ensinamento).

Porém, dentro das narrações do *Evangelho* e dos inúmeros exemplos que apresentam – na área da comunicação – extraímos um deles como exemplo para ilustrar a importante questão da comunicação, objetivo deste artigo.

Na visão de Ananias (de Atos dos Apóstolos, 9:10-19), citada por Emmanuel no monumental Paulo e *Estêvão*³, recebendo a visita de Jesus pela visão e audição para informar-lhe sobre a situação de Saulo em Damasco, temos magnífico exemplo de comunicação vital para a transformação de um homem. Saulo fora informado para aguardar em Damasco sobre o que fazer – após o episódio da também visão do Mestre na entrada de Damasco, quando visava a prisão do mesmo Ananias. O processo de comunicação* foi completo.

* No processo de comunicação temos um *transmissor* e um *receptor* da informação e entre eles um canal. Como característica de um bom observador. Por sua vez, a qualidade da comunicação é avaliada pelo *receptor*. Observem os leitores na qualidade dos personagens envolvidos na questão, em vista da qualidade da informação e da recepção da mesma informação.

Cairbar Schutel, em seu livro *Vida e Atos dos Apóstolos*⁴, comenta com muita propriedade que “(...) o trabalho de Ananias se limitaria a restituir a vista ao novo discípulo? Certamente que não. A missão de Ananias foi muito superior a esta. O principal escopo de Jesus, enviando Ananias a Saulo, foi fazê-lo confirmar a manifestação de Damasco, foi dar sanção à conversão iniciada na Estrada (...)”.

No não menos valioso livro *Cristianismo e Espiritismo*⁵, de Léon Denis, já em sua introdução encontramos à página 11, 3º parágrafo: *“Para quem quer que observe atentamente as coisas, os tempos que vivemos estão carregados de ameaças. Parece brilhante a nossa civilização, e, todavia, quantas manchas lhe obscurecem o esplendor! O bem-estar e a riqueza se têm espalhado, mas é acaso por suas riquezas que uma sociedade se engrandece? O objetivo do homem na terra é, porventura, levar uma vida faustosa e sensual? Não! Um povo não é grande, um povo não se eleva senão pelo trabalho, pelo culto da justiça e da verdade. (...)”*

E prossegue nas páginas seguintes:

“(...) Contra essas doutrinas de negação e morte falam hoje os fatos. Uma experimentação metódica, prolongada, nos conduz a esta certeza: o ser humano sobrevive à morte e o seu destino é obra sua.

.....
Todos, por esse meio, compreenderão que a vida tem um objetivo, que a lei moral tem uma realidade e uma sanção; que não há sofrimentos inúteis, trabalho sem proveito, nem provas sem compensação, que tudo é pesado na balança do divino Justiciero. (...)”

Considerando que a meta da Doutrina Espírita, através de seus fundamentos, é o despertar para os valores morais e éticos; o aperfeiçoamento moral da Humanidade – através da lei do amor e no combate ao egoísmo, ao orgulho e seus derivados; a evolução moral do Planeta, promovendo a fraternidade nos dois planos existenciais, vale pensar que:

a) Somente o estudo continuado da Doutrina Espírita pode garantir uma comunicação (e por extensão sua divulgação) coerente com sua proposta;

b) o julgamento prévio (de pessoas, situações, instituições ou ideologias) é a maior barreira da comunicação;

c) temos um conhecimento útil para a Humanidade, que pode combater eficazmente a pressão sociocultural negativa que tenta dominar o Planeta.

Queremos construir uma sociedade melhor! Que estamos esperando?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ *Almanaque Abril* 2000, Editora Abril.

² Edição FEB.

³ *Psicografia de Chico Xavier*, edição FEB.

⁴ 9. edição – Editora O Clarim.

⁵ 8. edição FEB, tradução de Leopoldo Cirne.

/

FEB/CFN – Comissões Regionais

Calendário das Reuniões Ordinárias de 2003

1. Comissão Regional Nordeste

1.1 – Cidade-sede: São Luís (MA).

1.2 – Período: 11 a 13 de abril.

1.3 – Tema: “Ação da Casa Espírita ante os avanços e necessidades do homem”.

2. Comissão Regional Sul

2.1 – Cidade-sede: Curitiba (PR).

2.2 – Período: 2 a 4 de maio.

2.3 – Tema: “Recursos para a manutenção das atividades espíritas – Capacitação gerencial dos Dirigentes Espíritas”.

3. Comissão Regional Norte

3.1 – Cidade-sede: Rio Branco (AC).

3.2 – Período: 19 a 22 de junho.

3.3 – Tema: “Apoio aos Centros Espíritas: trabalho que está sendo desenvolvido, levantamento das necessidades e mecanismos de atendimento”.

4. Comissão Regional Centro

4.1 – Cidade-sede: Goiânia (GO).

4.2 – Período: 4 a 6 de julho.

4.3 – Tema: “Como preparar o Centro Espírita para orientar doutrinariamente a Família e integrá-la nas suas atividades”.

5. Áreas Específicas

Serão realizadas, concomitantemente com as Reuniões Ordinárias das Comissões Regionais, com temas próprios escolhidos em 2002, as reuniões das Áreas Específicas de Infância e Juventude, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Comunicação Social Espírita, Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, Atividade Mediúnica e Assistência Espiritual.

•

Ante a Crítica

ISMAEL RAMOS DAS NEVES

Muitas vezes, quando nos sentimos identificados por algumas pessoas, como suscetíveis de receber críticas e censuras por algum ato impensado, que tenhamos praticado – ou mesmo quando alguém opina sobre nós, nos colocando na condição de ineficiente, ou quando discordam de nossos pontos de vista pessoais –, nos inquietamos, nos acabrunhamos e, às vezes, chegamos ao ponto de desanimar na execução de tarefas importantes, que pedem o nosso empenho decidido para que as referidas tarefas sejam executadas, como penhor da nossa fidelidade ao glorioso ideal da divulgação do Espiritismo.

Ninguém está livre de receber reprovações e até mesmo de ser alvo de observações descabidas. Cada criatura vive no círculo de sua própria capacidade espiritual, sem compreender, numerosas vezes, as necessidades e os problemas do seu semelhante; e por isso mesmo, cada espírito só pode alcançar a visão daquilo que o seu entendimento determina, em razão do que se estabelecem na convivência social, manifiestações variadas acerca de um mesmo episódio ou de um mesmo fenômeno.

Dessa forma, quando críticas e comentários desairosos venham a focalizar o nosso nome e algumas vezes surjam como motivo para alterar a nossa condição de tranquilidade pessoal, é importante que, além de buscar o recurso providencial da prece em favor daqueles que nos criticam, acendamos a luz do perdão no nosso íntimo e reconheçamos que aqueles que discordam de nós podem ser instrumentos da nossa própria evolução, levando-nos a reconhecer nossas possíveis omissões e deficiências.

O espinho que nos fere pode representar um grito de advertência para que não venhamos a resvalar na inconseqüência e no erro ante o precipício que se nos depara à frente. Saibamos, pois, receber a discordância que alguém venha a endereçar-nos, mesmo quando isso represente para nós obstáculo à realização dos nossos mais iluminados anelos.

Todos os mártires e heróis, ao longo de sua caminhada, contaram com a presença de adversários, os quais, algumas vezes, mesmo sem se constituírem detratores de suas personalidades, discordaram de suas idéias, no elevado tentame de contribuir para que eles corrigissem suas possíveis faltas, que eram imperceptíveis aos seus olhos, mas perfeitamente visualizadas pelos opositores. É preciso considerar, nesse caso, que aqueles que nos criticam não são nossos adversários, mas, sim, colaboradores que nos vigiam os passos, para que não venhamos a cair ou tropeçar ante as pedras que se interpõem em nossa marcha, ou os espinhos que nos ameaçam ferir.

Jesus nos deu exemplo da paciência e da resignação quando, diante daqueles que O escarneciam e Lhe dirigiam palavras agressivas, soube manter a serenidade e a paz, aproveitando os momentos mais difíceis para legar à Humanidade lições de profunda sabedoria, insculpindo nas páginas da História Humana o hinário de eterna beleza do Seu alcandorado amor. Quando Pedro decepou a orelha do soldado Malcus, o Celeste Amigo teve a frase lapidar: “Pedro, embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão.” E, perante o momento culminante do

sacrifício, na cruz, exclamou: “Pai, perdoai-lhes, porque eles não sabem o que fazem.”

Se alguém nos critica ou discorda de nós, tenhamos, pois, coragem de continuar praticando o bem, como o agricultor previdente e laborioso que não se cansa de plantar árvores benfeitoras ao longo do caminho; guardemos a certeza de que, prosseguindo em nossa faina luminosa, anos depois, aqueles que hoje se nos erigem na condição de nossos opositores, amanhã se curvarão, em silêncio, ante a visão do plantio abençoado que houvermos realizado mesmo com suor e lágrimas!

Seara Espírita

A FEB na posse do Presidente Lula

Convidada pelo Cerimonial do Palácio do Planalto, a Federação Espírita Brasileira integrou o seleto grupo de autoridades e convidados que presenciaram a cerimônia de transmissão da faixa presidencial por Fernando Henrique Cardoso ao Presidente da República Luiz Ignácio Lula da Silva. A FEB participou do ato de cumprimentos ao Presidente que se despedia e ao Presidente Lula, representada por seu presidente Nestor João Masotti.

Goiás: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Estado de Goiás promoverá, no Centro de Cultura e Convenções de Goiânia, de 1º a 4 de março, o XIX Congresso Espírita Estadual. O tema central *Jesus: Guia e Modelo da Humanidade*, que será abordado na conferência de abertura por Zalmir Zimmermann, desdobra-se em dezenas de temas específicos que serão desenvolvidos através de palestras e oficinas no Anfiteatro Rio Vermelho (para 2.007 pessoas), no Lago Azul (para 600 pessoas) e em várias salas do Centro de Convenções.

Mato Grosso: Encontro espíritas

Serão realizados pela Federação Espírita do Estado de Mato Grosso, em março vindouro, os seguintes Encontros:

V Encontro Estadual da Família Espírita: nos dias 1º e 2 de março, em Cuiabá, na sede da FEEMT, com o tema central *FAMÍLIA – Base de um Mundo Melhor*.

I Encontro de Comunicação Social Espírita: nos dias 28, 29 e 30 de março a FEEMT realizará esse evento, promovido pela Comissão Regional Centro do Conselho Federativo Nacional da FEB. A coordenação será de Merhy Seba, com a participação do Coordenador das Comissões Regionais e dos representantes, na área da CSE, das Federativas da Região.

Casas Espíritas centenárias

A Sociedade Espírita “Anjo da Guarda”, de Santos (SP), fundada em 2 de novembro de 1883, completa 120 anos de funcionamento, tendo criado em 1895 a Associação Auxílio aos Necessitados.

O Grêmio Espírita de Beneficência, de Barra do Piraí (RJ), fundado em 1886, completa 117 anos de ininterrupta atividade evangélico-doutrinária. Desde o início do século XX mantém o Asilo Santo Agostinho, destinado a idosos.

O Grêmio de Propaganda Espírita Luz e Amor, de Bangu, Rio de Janeiro (RJ), fundado em 1º de junho de 1901, está comemorando 102 anos de atividades no estudo e prática da Doutrina Espírita e na assistência espiritual e material.

Santa Catarina: Jornada Espírita

Realizou-se no período de 2 a 23 de janeiro, em Balneário Camboriú, a 11ª Jornada Espírita do Conselho Regional Espírita da 13ª Região de Santa Catarina, órgão da Federação Espírita Catarinense. A palestra de abertura foi proferida por Sandra Della

Pola (RS), no Centro Espírita Bezerra de Menezes, havendo Seminários no Centro Espírita Casa de Jesus em 5, 12 e 19 de janeiro. A Jornada estendeu-se às cidades de Piçarras, Armação, Penha e Navegantes.

Amazonas: Federativa comemora 99 anos de fundação

A Federação Espírita Amazonense comemorou, em 1º de janeiro de 2003, Dia da Confraternização Universal, os 99 anos de sua fundação, com o lançamento da Campanha *Construamos a Paz promovendo o Bem*. Durante uma semana, o tema PAZ foi abordado e desenvolvido em todas as atividades dos Centros Espíritas do Amazonas.

R. G. do Norte: Congresso Espírita

Realizou-se no Centro de Convenções de Natal o 12º Congresso Espírita do Rio Grande do Norte, no período de 28 de novembro a 1º de dezembro do ano passado. O tema central – A Família e os Graves Problemas Sociais – teve vários desdobramentos, que abrangeram a família e todo seu campo de envolvimento com a sociedade e os relacionamentos entre cônjuges e destes com os filhos. O evento, do qual participaram expositores de vários Estados brasileiros, foi promovido pela Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes, de Natal.





SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$..... ***

Nome

Endereço CEP

Município..... Estado..... País

Tel.: () Celular () Fax

E-Mail..... Identidade..... CPF.....

Assinatura.....

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.